

Da Mihi Animas
Revista das filhas de Maria Auxiliadora

dma

2016

03

ANO LXIII
trimestral

A misericórdia em obras



dma

REVISTA DAS
FILHAS DE MARIA
AUXILIADORA

NÚMERO 01 . 2016

Ano LXIII
TRIMESTRAL

www.rivistadma.org

Reg. Tribunale di Roma
n. 13125/1969
Sped. abb. post. - DL 353/2003
(conv. in L. 27/02/2004 n° 46) art. 1,
comma 2 - DCB Roma
www.rivistadma.org
na capa

foto Archivio FMA

Editor

Istituto Internazionale
Maria Ausiliatrice
Via Ateneo Salesiano, 81
00139 Roma

tel. +39 06872741

fax +39 0687132306

e-mail: dmanews1@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Maria Helena Moreira

Gabriella Imperatore

Colaborações

Julia Arciniegas, Patrizia Bertagnini,
Mara Borsi, Maria Antonia Chinello,
Anna Rita Cristaino, Emilia Di
Massimo, Dora Eyleinstein, Palma
Lionetti, Anna Mariani, Maria
Perentaler, Maria Dolores Ruiz Pérez,
Debbie Ponsaran, Maria Rossi, Martha
Séide, Giuseppina Teruggi, Maria
Grazia Caputo, Caterina Cangia,
Mariano Diotto, Paolo Ondarza,
Giulia Paola di Nicola, Attilio Danese,
Consiglio generale FMA

Layout e gráfica

VICIS Srl

paginação e tipografia

VICIS Srl

V.le das Províncias, 37 - 00162 Roma

www.vicis.it

Edição Extracomercial

La revista **dma** è realizzata sobre carta ecológica certificada FSC, constituída de pura celulose e.c.f. e por un elevado conteúdo de fibras de recuperação (pelo menos 5%).

na capa

foto arquivo das FMA

Associativa USPI

Unione Stampa

periodica italiana

SUMÁRIO

EDITORIAL 03

A Paz é o caminho
04

A Paz: prioridade do Escritório dos Direitos humanos- FMA

Mobilidade humana
Entre dor e esperança 05

Cultura ecológica
O sentido humano da ecologia
07

Fio de Ariadne
Gestos e palavras
09

Dossiê
A misericórdia em obras
10

O caminho de Damasco
Encontrar os nômades de hoje
15

O caminho de Damasco



Horizonte Família

Família: um tesouro social
16

Em sua imagem

Genitores e gender

18

FOCUS

Educar-nos a novos estilos de vida para mudar o mundo

21

A Voz dos jovens

Os Jovens... e a misericórdia em obras 22

Habitar a cidade

Cultivar espaços verdes

24

E- comunicar

Para além do limite: a rede invisível
25

Cinema

A vida é fácil com os olhos fechados

27

Literatura

Quando vocês se sentem felizes, pensem nisso 28

Música

A música toma-se oração
30

Laboratório imagem

Fotografar para expressar a Beleza
31

Camilla

Suportar com amorosa paciência as pessoas molestas 33

Dossiê



Nesta edição: Tradução dos textos para a Língua Portuguesa

A misericórdia em obras

Neste ano fomos convidadas pelo Papa Francisco e nos propusemos a percorrer o caminho da misericórdia, partindo de suas raízes, dos “dias” às “obras” de misericórdia.

A misericórdia em obras coloca-nos diante da Palavra viva de Jesus. Palavra que se faz tangível nos gestos. Um gesto fecundo é fruto de uma decisão do coração, da vontade de se aproximar do outro, em suas necessidades, dores e alegrias; de um pôr-se à escuta do inenarrável, num silêncio compartilhado. A Misericórdia em obras nos convida a dar densidade às nossas palavras com os gestos de amor.

Como diz São João, “aquilo que nós escutamos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e o que as nossas mãos tocaram, ou seja, o Verbo da vida” (1 Jo. 1,1) nos abre a doar a misericórdia de Deus que experimentamos em cada momento. Deus está ao nosso lado e nos faz experimentar a imensidão do seu perdão, a grandeza de sua graça. Graça que se derrama em nossas ações, no cuidado da casa comum, na atenção aos mais pequeninos e frágeis, na atenção às famílias em dificuldade e a quem se encontra abandonado e desanimado.

Graça que nos torna sempre prontos a irmos ao encontro, para acolher as esperas mais profundas das pessoas e a assumir seus sofrimentos e esperanças.

Graça que é doada em plenitude pela sua capacidade de transformar a sociedade, inaugurando um novo modo de viver e de morar este mundo.

Quando olhamos de perto ou de longe, escutamos o grito dos famintos e dos sedentos, dos despojados, dos peregrinos, dos enfermos, dos encarcerados, dos mortos. *Sedentos* de justiça, de cidadania e

de esperança. *Sedentos* de paz e segurança. *Despojados* de sua dignidade e de seu direito à inclusão. *Peregrinos* pelo medo da guerra e das perseguições, pela busca de trabalho e de oportunidades. *Enfermos* pela fome, pela exclusão, pelas discriminações, pela falta de acompanhamento e cuidado. *Encarcerados* na solidão, no fechamento de si e na exclusão. *Mortos* porque privados de sonhar, de existir e de participar.

A misericórdia movimentada o nosso olhar, para a não comisseração e a um empenho efetivo para mudar os nossos estilos de vida, os paradigmas que nos impedem de ousar, de caminhar com destemor, de conjugar a justiça e o perdão, a solidariedade e a paz, o cuidado com a vida e sua sustentabilidade.

A misericórdia – natureza mesma de Deus – é um dom e pura gratuidade. Gratuidade que espera o milagre dos nossos gestos, das nossas obras que nascem da decisão de tocar o coração da humanidade, os corações das crianças e dos jovens e, com eles, construir e consolidar a cultura da misericórdia.

Maria Helena Moreira
nhmoreira@cgfma.org



A Paz: prioridade do Escritório dos Direitos Humanos - FMA

Maria Grazia Caputo
droits.humains@salesienne.ch

É importante dar visibilidade ao empenho concreto que o Escritório dos Direitos Humanos leva avante para promover e defender o direito à educação, elemento chave para se gozar de todos os direitos humanos, fundamento de uma sociedade democrática que constrói a paz para o bem comum.

Percebe-se, cada vez mais, a necessidade de assumir as próprias responsabilidades. Na economia do Evangelho não há pessoas ou instituições sobre as quais jogar a responsabilidade que cada um tem diante de si mesmo e do mundo que o circunda.

Os acontecimentos que se sucedem fazem-nos experimentar nossa pequenez e ao mesmo tempo a presença de algo que nos ameaça. O grito do Papa Francisco aos que nada fazem para deter as atrocidades que se estão cometendo, chama a atenção de todos.

O que fazem os Governantes, as Nações Unidas? Por que não intervêm diante dos massacres e da violação dos direitos primordiais? O que estão fazendo estas Nações que se reuniram precisamente para evitar que se repetissem situações semelhantes ao que aconteceu na segunda guerra mundial?

Muitas pessoas têm a ideia de que as Nações Unidas existem como a grande potência capaz de intervir para sistematizar o que está acontecendo. Paremos por um momento. As Nações Unidas são um organismo internacional intergovernativo constituído por 193 Países que se organizaram para tutelar a paz no mundo. O acordo contemplava três pilares fundamentais: a paz, a segurança e o desenvolvimento por meio da defesa dos direitos humanos. Defendeu-se uma nova estratégia: o diálogo em substituição à violência.

Para realizar estes objetivos criaram-se as estruturas, partindo do que fora resolvido de comum acordo na *Declaração Universal dos Direitos Humanos*: em Nova York o Conselho de Segurança, a reunião de todos por meio da Assembleia Geral anual, o Secretário geral que representasse a voz das Nações Unidas, o Conselho Econômico e Social (ECOSOC) para a coordenação das atividades econômicas e sociais; e em Genebra o Conselho dos Direitos Humanos, o Alto Comissário dos Direitos Humanos, os Órgãos dos Tratados, a Organização Mundial da Saúde, a Organização Internacional do Trabalho, a Organização da propriedade intelectual e a Conferência para o Desarmamento.

“Nunca mais deverão acontecer desastres semelhantes aos da segunda guerra mundial, nunca mais a violação dos direitos elementares da pessoa humana”.

■ IIMA nas Nações Unidas

Nas Nações Unidas, o Instituto Internacional das Filhas de Maria Auxiliadora quis estar presente junto com o VIDES Internacional, considerando-o uma “nova fronteira”. Nesta perspectiva foi almejado o Escritório dos Direitos Humanos como uma ponte através da qual passa a voz do Instituto e do Vides às Nações Unidas e do Instituto às nossas comunidades.

Respondendo às orientações dos Capítulos Gerais XX, XXI, XXII e XXIII em 2007 o Instituto pôs em prática tudo o que já havia sido decidido: estar presente lá *onde são decididas as políticas educativas* por meio de um Escritório dos Direitos Humanos. A escolha de Genebra é devida ao fato de que a sede de Genebra das Nações Unidas (Conselho dos Direitos Humanos) defende e promove os direitos humanos, fundamento da segurança, do desenvolvimento e da paz,

e confere maiores possibilidades de participação à sociedade civil.

Em junho de 2007 o Conselho geral do Instituto, apoiando-se na Comunidade de *La Salésienne di Veyrier*, decidiu criar o Escritório dos Direitos Humanos como ponte entre o Instituto e as Nações Unidas. O reconhecimento do Estatuto consultivo, dado ao VIDES em 2003, e ao Instituto em 2008, facilitou o caminho para ser uma presença e ter voz nas reuniões das Nações Unidas, em Genebra. O empenho prioritário foi chamar a atenção dos Governos, por meio de *denúncias positivas*, sobre algumas situações, não levadas em consideração, relativamente às crianças de rua, à qualidade da educação para as crianças indígenas, à importância da qualidade educativa também em situações de emergência, aos jovens na sua específica contribuição à sociedade (empoderamento), às mulheres.

Por este motivo, desde o início colocou-se o acento sobre a defesa do *direito à educação* para todas as crianças, tendo presente, em particular, as que vivem em situação de risco. A ação consistiu em lembrar aos Governos, por meio de intervenções oficiais escritas e orais, o empenho que cada um havia assumido a este respeito.

Fazer *denúncias positivas* foi se tornando assim, gradualmente, uma sugestão a Governos específicos de serem coerentes com os empenhos assumidos. Foram também procuradas situações concretas que mostraram o que estamos fazendo em nível de Instituto e de VIDES para garantir os direitos fundamentais às crianças em situações de precariedade pela pobreza, pela guerra, pelos desastres naturais.

■ O Escritório e os *side event*

Com a ajuda das pessoas que trabalham diretamente no território pôde-se assim mostrar, por meio dos *side event*, as boas práticas que estão sendo implementadas para crianças em situação de risco na Colômbia, na Índia, nas Filipinas, no México, na Argentina, no Paraguai; para garantir a qualidade da educação das crianças indígenas no México, Costa Rica, Venezuela, Panamá; para educar à paz as crianças do Líbano em ligação com as crianças da Suíça no momento em que deflagrava a guerra na Síria. Além disso, como se intervém, por meio dos jovens voluntários VIDES, na inserção dos imigrantes na Itália e na

Espanha e o que se fez para garantir a continuidade educativa às crianças do Haiti após o terremoto, num momento em que outras organizações se preocupavam apenas com a ajuda humanitária.

Os *side event* são espaços em que tanto os Jovens, como a sociedade civil, podem falar de modo oficial sobre particulares situações e problemas.

Por meio dos *side event* fez-se presente, às Nações Unidas o carisma educativo do Instituto. Ficamos mais conscientes de que, dando visibilidade às atividades que levamos adiante em nossas obras em favor das crianças e dos jovens, contribuimos para levar uma luz de esperança. Foi dito que a libertação do mal individual, coletivo, cósmico é dom de Deus, mas requer a participação pessoal. Assumir o dever da própria salvação e da salvação do mundo significa empenhar-se, mesmo sabendo que ela é pura graça divina.



PRIMEIRO PLANO *Mobilidade humana*

Entre dor e esperança

■ **Pascaline Adjovi Affognon, fma**
affopascaline@yahoo.fr

“Em nossa época, os fluxos migratórios estão em contínuo aumento, em cada área do planeta. Refugiados e pessoas que fogem de suas pátrias interpelam cada pessoa e as coletividades, desafiando o tradicional modo de viver e, talvez, agitando o horizonte cultural e social com o qual entram em confronto. É cada vez maior o número de vítimas da violência e da pobreza, que abandonam suas terras de origem e sofrem os ultrages dos traficantes de pessoas humanas na viagem para um futuro melhor” (Papa Francisco)

■ O movimento migratório na África

A África sub saariana conta, no final de 2015, com aproximadamente quatro milhões de refugiados no mundo. Toda a população africana é, aproximadamente, de um bilhão de habitantes, em junho de 2016. Na realidade interna da África, é contínuo o movimento migratório e remonta à questão histórica da relação entre os Países “desenvolvidos” e os Países africanos “em via de desenvolvimento”. As causas da migração são múltiplas. Ao neocolonialismo, ligado às riquezas naturais e minerais, associa-se a instabilidade política, a ditadura e o mau governo; os conflitos armados, as violências tribais, o terrorismo do *Boko Haram*, *Al-Mourabitoun*, *Ansar al-Charia*, *Ansar Dine*, *Al-Qaïda au Maghreb islamique*, *Chebabs*.

O alto Comissariado das Nações Unidas para os refugiados (UNHCR), em 2015, declarou que somente a África sub saariana acolheu 26% dos refugiados do mundo inteiro: mais de dezoito milhões de pessoas foram acolhidas nos campos do Alto Comissariado dos refugiados (HCR, em diversos lugares.

As populações são obrigadas a deixar a sua terra para encontrar refúgio em outros Países, para fugir da violência e das condições de vida muito precárias.

O conflito na República Centro Africana impeliu muitíssimos habitantes a refugiar-se nos Países vizinhos. A região litoral de Camarões acolheu muitos refugiados, vítimas dos ataques terroristas do *Boko Haram*. Milhares estão no campo de Minawao do departamento de Mayo Tsaga. Em dezembro de 2013, o conflito no Sudão Sul fez milhares de vítimas inocentes, e mais de um milhão de pessoas precisaram deixar sua terra. A Somália tornou-se também uma terra de refugiados, as pessoas fogem da guerra civil no Yemen, e mais de um milhão da população da Somália se locomovem para os países vizinhos. No território nigeriano muitas famílias e jovens precisaram deixar seus vilarejos no Norte da Nigéria devido ao terrorismo do *Boko Haram*.

A situação da migração na África é muito preocupante. A mídia fala pouco do drama humanitário. As condições dos refugiados nos campos são muito precárias; a falta de água potável, a questão sanitária e alimentar são urgentes. A maioria das crianças não tem possibilidade de instrução, ou a instrução

se faz em condições difíceis nos campos dos refugiados.

■ Fma ao lado dos mais pobres

O contexto africano e as organizações governamentais não são capazes de prestar ajuda concreta. Por meio das organizações humanitárias, fazem-se presentes, comunidades religiosas que se ocupam da educação, oferecem solidariedade e respondem às exigências primárias das populações refugiadas: saúde, necessidades primárias, cuidado com os pobres.

Mais de 500 Filhas de Maria Auxiliadora, nas diversas nações africanas, estão empenhadas em ações de solidariedade, por meio de atividades educativas, ensino na escola materna, elementar, secundária, nos centros profissionais, nas atividades de promoção da mulher, acolhida às jovens em dificuldade, oratório-centro juvenil, serviços sanitários.

A comunidade de Adwa, na Etiópia, acolhe mais de 600 jovens que procedem de várias regiões.

Ir. Laura Giroto, fma e missionária na Etiópia, há mais de 20 anos, afirma: «Addwa é uma esperança acesa na vida dos últimos, o único centro estável de referência para milhares de pessoas que se dirigem à “Kidane Mehret” nos momentos de emergência, para conselhos, ajudas, em suma, para qualquer necessidade. Cada uma sabe fazer frutificar o próprio talento em favor dos últimos».

“Faz-se o bem, juntos”

As Filhas de Maria Auxiliadora, juntamente com os Salesianos, estão entre as primeiras missionárias na zona de Adwa, desde o ano de 1620, ano em que os Jesuítas foram afastados.

Foram chamadas em 1987 com o objetivo de dar instrução e formação profissional aos jovens. A comunidade nasceu oficialmente no final de 1994. Desde então começou o “milagre” de Adwa.

No Sudão Sul, em Wua, terra ainda oprimida pela guerra e pela violência, as Fma continuam trabalhando para a promoção da mulher e das jovens, para cuidar dos doentes e dos refugiados, para oferecer uma educação aos mais pobres. Na África, cerca de oitenta comunidades das Fma estão ao lado dos mais pobres e, muitas vezes, arriscando a própria vida. As Filhas de Maria Auxiliadora, os Salesianos de Dom Bosco e

todos os grupos da Família salesiana, desde o início da missão, estão empenhados em prol da justiça e da paz, em promover a dignidade do povo africano. Como foi sublinhado, no Capítulo Geral XXIII, «*empenhamo-nos em encontrar as modalidades de ligação entre as comunidades Fma, os diversos grupos da Família Salesiana e as várias instituições civis e eclesiais para aprofundar as causas das migrações e colaborar com projetos educativos que favoreçam a prevenção do fenómeno e o acompanhamento dos migrantes aos lugares de partida, de trânsito e de chegada. Operar, de modo particular, a tutela dos menores e das mulheres*».

A esperança cristã impulsiona a empenhar-se pela paz, a justiça, o respeito à dignidade humana, como nos lembra o Papa Francisco na abertura da Porta Santa, em Bangui: «O Ano Santo da Misericórdia vem, previamente, a esta Terra. Uma terra que, há tantos, sofre com a guerra e o ódio, a incompreensão, a falta de paz. Mas, nesta terra que sofre, existem também outros Países que estão passando pela cruz da guerra. Bangui torna-se a capital espiritual da oração pela misericórdia do Pai»

TAZI, *L'Afrique, premier continent d'accueil des réfugiés* em <http://www.jeuneafrique.com>
Associação Amigos de Adwa, *A missão salesiana hoje* em <http://www.amiciadiadwa.org>

PIMEIRO PLANO *Cultura ecológica*

O sentido humano da ecologia

Júlia Arciniegas – Martha Side

j.arciniegas@cgfma.org – mseide@yahoo.com

O artigo convida a recuperar o sentido humano da ecologia, enfrentando a crise nos seus múltiplos aspectos, privilegiando o caminho da educação por meio da recuperação de uma antropologia integral, a formação moral o empenho de uma ecologia da vida cotidiana.

■ Ecologia como respeito à natureza humana

Na perspectiva de uma ecologia integral, o Papa Francisco põe evidência o papel central

da pessoa. Lembrando Bento XVI, afirma o sentido humano da ecologia evidenciando a necessidade de respeitar a própria natureza: «a ecologia humana implica também, algo de muito profundo: a essencial relação da vida do ser humano com a lei moral inscrita na sua própria natureza, relação indispensável para poder criar um ambiente mais digno» (n.155).

■ Pela qualidade da vida

Na ótica de um desenvolvimento humano sustentável, observa o Pontífice, «ocorrerá verificar que se produza uma melhoria integral na qualidade da vida humana, e isto implica analisar o espaço em que se desenvolve a existência das pessoas. Os ambientes nos quais vivemos influem sobre o nosso modo de ver a vida, de sentir e de agir. Ao mesmo tempo, em nossa instância, em nossa casa, em nosso lugar de trabalho e em nosso bairro fazemos uso do ambiente para expressar a nossa identidade» (n.147). O Papa evidencia, portanto, a necessidade de promover uma identidade integrada e feliz que responsabilize todos os âmbitos da existência (cf nn. 147-157).

■ O homem protagonista ambivalente

Uma leitura atenta da *Laudato sí*, deixa entrever o homem propenso a um protagonismo ambivalente: de um lado, assume o dom de cultivar e proteger o jardim do mundo (cf *Gen 2, 15*), do outro lado, marcado pelo pecado, torna-se dominador e destruidor do tesouro recebido. A responsabilidade diante da terra implica que o ser humano, dotado de inteligência e de liberdade, respeite as leis da natureza e os delicados equilíbrios entre os outros seres deste mundo (cf n.68). Infelizmente, observando a realidade, percebe-se que a tendência dominante orienta-se para um consumismo que exaspera.

O desastre do consumismo. Depois da publicação da encíclica, um jornal italiano intitulava o seu comentário: “*Laudato sí, a encíclica do Papa contesta o consumismo*”, apontando-o como um mecanismo compulsivo para colocar os próprios produtos, completamente desinteressado pelo bem comum. Com efeito, o Papa insiste claramente: “O consumismo obsessivo é o reflexo subjetivo do paradigma tecnocêntrico” (n.203), pelo qual se faz crer a todos que são livres ao reivindicarem a liberdade para consumir, quando na

realidade é livre apenas a minoria que detém o poder econômico e financeiro (cf n. 204).

Incremento demográfico e consumismo

Uma denúncia mais forte ainda é a que se refere ao respeito pelas políticas de “saúde reprodutiva”, proposta por alguns Países para reduzir a natalidade, enquanto é demonstrável que o crescimento demográfico é plenamente compatível com um desenvolvimento integral e solidário. Culpar o incremento demográfico e não o consumismo extremo e seletivo de alguns, é uma maneira de não enfrentar os problemas (cf n.50).

■ **A raiz humana da crise**

O Pontífice, no capítulo terceiro, descreve as causas dos desequilíbrios ecológicos encontrados hoje no mundo. O título é indicativo: “*A raiz humana da crise ecológica*”. Que lugar ocupa o ser humano nesta situação de mudança radical? Qual é o ponto nodal da crise? O Papa Indica o ‘*paradigma tecnocrático*’ sobre o qual convida a refletir (n. 101). Aqui se encontra um outro aspecto da ambivalência do homem. Com efeito, a tecnociência bem orientada, é capaz de produzir coisas prodigiosas para melhorar a qualidade da vida humana, mas ao mesmo tempo dá àqueles que detêm o conhecimento e o poder econômico, um vasto domínio sobre o gênero humano (cf nn.102-104).

Um excesso de antropocentrismo

O Papa assinala como raiz da crise ecológica o notável excesso antropocêntrico que enfraquece as relações sociais e a relação da pessoa com o mundo. O homem tende a considerar-se senhor absoluto. Esta compreensão inadequada faz com que o homem se declare autônomo da realidade, se substitua a Deus e não apenas despedace a sua existência, mas também provoque a rebelião da Criação (cf nn.116-117). Não se pode exigir da parte da pessoa humana um empenho para com o mundo, se não se reconhecem e não se valorizam as suas peculiares capacidades de conhecimento, vontade, liberdade e responsabilidade (cf n. 118-119). Tal situação surge como um verdadeiro desafio, um chamado a libertar, em cada pessoa, todas as suas potencialidades. Este processo é possível por meio da educação.

■ **O caminho da educação**

Para reconquistar o sentido humano da ecologia, ocorre recuperar a antropologia integral, educar aos valores morais, educar à ecologia da vida cotidiana com a finalidade de mudar o estilo de vida.

Recuperar uma antropologia integral

É necessário recuperar uma antropologia integral, capaz de unir os diversos conhecimentos de especialistas, e as diversas tradições culturais, superando as visões parciais que levariam a remédios insuficientes e produziram outros desequilíbrios (cf n.117). Isto exige um percurso formativo que considere, de modo harmônico, todas as dimensões da pessoa viva em interação com a criação. Para o crente isto implica o empenho de reapropriar-se do dom confiado pelo Pai de viver como administrador responsável e, por conseguinte, como guardião vigilante da casa comum.

Educar à corporeidade

Na perspectiva de uma antropologia integral, a encíclica não deixa de lembrar o problema da ideologia de gênero e convida a acolher o próprio corpo, a cuidar dele, a respeitar os seus significados. Apreciar o próprio corpo sexuado é fundamental para reconhecer-se no encontro com o outro. «Deste modo é possível aceitar com alegria o dom específico do outro ou da outra, obra de Deus criador, enriquecendo-se reciprocamente. Portanto, não é saudável uma atitude que pretenda cancelar a diferença sexual porque não sabe mais confrontar-se com ela» (n.155)

Educar aos valores morais

O progresso tecnológico oferece à pessoa poderes excepcionais que podem ser usados tanto para o bem quanto para o mal. Para enfrentar de modo adequado este desafio, é urgente educar aos valores morais de modo que o senso ético cresça passo a passo com a evolução tecnológica. Tal educação implica a formação de uma consciência reta que ajude a pessoa a reconhecer o bem, a escolhê-lo e a vivê-lo no cotidiano. Voltar a escolher o bem é regenerar-se e superar os obstáculos antepostos à dignidade humana (cf .205). Neste sentido, a educação da consciência moral implica também a responsabilidade social: “Adquirir algo é sempre um ato moral, além de econômico». Portanto, «o tema da degradação ambiental responsabiliza o comportamento de cada um de nós» (n.206).

Educar à ecologia da vida cotidiana

Para efetuar o sentido humano da ecologia o Papa insiste na necessidade de uma clara mudança e de apostar num outro estilo de vida.

«Não existe ecologia sem uma adequada antropologia» (LS, 119)

Ele convida a assumir a ecologia da vida cotidiana. Trata-se de identificar os lugares nos quais a vivência cotidiana se tornou caótica para recuperar as relações que permitem à pessoa ser ela mesma e reconhecer o outro (cf nn.147-157). A ecologia da vida cotidiana encoraja a assumir um estilo de vida simples capaz de se alegrar profundamente sem a obsessão do consumo. É um retorno à simplicidade, à sobriedade vivida com liberdade e consciência que «permite firmar-se no gosto das pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece» (n.222). A educação à sobriedade, à humildade e à paz envolve a todos. Trata-se de um longo processo que requer oportunos percursos formativos para acompanhar as jovens gerações no seu caminho de crescimento.

PRIMEIRO PLANO *Fio de Ariadne*

Gestos e palavras

Giuseppina Teruggi
gteruggi@cgfma.org

«Hoje somos obrigados ser homens e mulheres-ânfora, que marcam caminhos e criam vínculos, porque têm o coração cheio da água viva do Espírito e revelam o sentido da vida mais com os gestos do que com as palavras» (Papa Francisco).

■ **Fatos da vida cotidiana**

Em Gênova, no mês de abril, os policiais e os operários da empresa Ilva se enfileiraram face a face, por três dias inteiros. Os trabalhadores enraivecidos, que tomaram a praça para defenderem seus postos de trabalho e seus salários, chocam-se com os blindados. A tensão aumenta, não se sabe que rumo tomará. No terceiro dia, eis um gesto que dá uma reviravolta no protesto. A única mulher, entre numerosos policiais, a vice-superintendente *Maria Teresa Canessa*,

tira o seu capacete. É um sinal de distensão. Um operário aproxima-se e lhe estende a mão. Ela, sem pensar, a aperta. O bloco dos blindados pouco depois é retirado, os operários se dirigem à prefeitura onde fica programado o encontro com os representantes do Ministério, para discutirem um acordo.

«Tirar o meu capacete foi um gesto instintivo – afirma a policial. Depois de longas horas de tensão com os manifestantes, desconforto e cansaço, houve uma pausa, um momento de distensão, foi àquela altura que me veio espontaneamente o gesto de tirar o capacete e aproximar-me para falar “com quatro olhos” com estes trabalhadores postos em dura prova»

Maurizia é professora numa escola primária. Relata: «Quando pela primeira vez, jovem e inexperiente, entrei numa sala de aula, a diretora da escola fez-me uma recomendação: “Deves fazer logo as crianças entenderem quem comanda”. Eu me senti aterrorizada, olhei para os rostos das crianças que estavam sentadas nas carteiras, muito compostas, ou dispostas em filas ordenadas diante da cátedra... Quantas! Como fazer para conhecê-las? Como conseguir criar um vínculo com estas crianças, e fazer-me ouvir? ‘Comandar’ não era o verbo que me convinha.

Tive uma intuição, ingênua mas poderosa; decidi que diariamente iria dedicar a cada uma delas um momento de encontro pessoal, ao menos para uma breve troca, em algum momento do dia, de modo que cada criança, pudesse ficar segura de que eu estava ali para ela. Pensei que, deste modo, poderia criar um vínculo real. Uma escolha que teve sucesso e que ainda mantenho.

O vaticanista Rai, *Raffaele Luise*, observou que o Papa Francisco, “nos primeiros 30 dias de seu pontificado, escreveu sua primeira e extraordinária encíclica: a *Encíclica dos gestos*, que literalmente seduziu o coração de todos, dos próximos e dos distantes, sobretudo dos jovens que sentiram uma empatia com ele e, redesenhou-se de repente e em profundidade o relacionamento dos jovens com o Papa.

■ **Impacientes com tantas palavras**

Muitos hoje se dizem impacientes com tantas palavras, sobretudo quando não correspondem a gestos e ações coerentes. Isto é o que transparece em nossas trocas

de impressões a propósito do rio de palavras que nos submergem, não só na vida social, ou nos meios de comunicação social, mas também no tecido da vida comunitária.

“Calam-se as palavras, falam os fatos” (Santo Antonio de Pádua)

A credibilidade de uma pessoa, hoje sobretudo, está mais na força dos gestos do que das palavras.

Os estudos sobre o comportamento humano, por outro lado, revelam que a mensagem verbal é prevalentemente influenciada por um conjunto de elementos não-verbais que podem ser de tipo não-vocal (os gestos, os movimentos do corpo, o olhar...), e de tipo vocal (como a entoação da voz, a qualidade da voz, as pausas). É importante saber que a comunicação não-verbal pode, não só sustentar, modificar e completar a dimensão verbal, mas também substituí-la completamente.

Para bem comunicar, portanto, é estratégico ter consciência do valor dos sinais não-verbais. Em definitivo, é importante que nos convençamos de que a eficácia de cada relação nossa está ligada mais ao que expressamos no nosso fazer – revelativo ao que somos em profundidade – do que naquilo que dizemos em palavras.

■ **A misericórdia em obras**

No ano da Misericórdia, fazemos, com frequência, uma pausa sobre os gestos e as palavras de Jesus, em particular sobre as parábolas. Como a do Pai misericordioso. Nela, são poucas as palavras pronunciadas: essenciais, medidas, significativas. São muitos os gestos e escolhas concretas que, de modo extraordinário, ressaltam o verdadeiro rosto de Deus, a sua identidade.

Em seu escrito, Ir. Gertrud Stickler, docente de Psicologia religiosa na Faculdade Pontifícia de Ciências da Educação Auxilium, reflete sobre a parábola, em chave psicológica. Ao analisar a relação do pai com os dois filhos, capta uma abertura total e estável no amor e no dom ao outro. O pai personifica a benevolência que se expressa mediante a presença, a acolhida, a bondade da palavra e do trato com os outros. Contudo, ele respeita a autonomia e a vontade dos filhos, não prende nem sufoca; sabe aceitar os limites, a negatividade e até a recusa e a agressividade, sem, por isso,

retirar a própria confiança; sabe esperar o desenvolvimento e o emergir da personalidade positiva. O seu modo de ser e de agir não é determinado pela reação do outro, pela sua atitude positiva ou negativa.

‘O Pai o avista, quando ainda estava longe’. ‘Corre ao seu encontro’. ‘Abraça-o e o beija’: gestos que expressam a plenitude da acolhida e do desejo da comunicação mais profunda do próprio espírito com o outro. Os gestos que se seguem são destinados à expressão da estima, da amizade, do amor que sabe valorizar: a ‘roupa mais bonita’ e o ‘anel’ são símbolos do máximo valor que se atribui a uma pessoa. Modificar as ocupações ordinárias para ‘fazer festa’ com ‘música e cantos’, com o anúncio de um ‘banquete’, matando o ‘bezerro cevado’, indica a máxima honra prestada a um pessoa amada, de cuja presença se goza.

É ainda o Papa Francisco que nos lembra: «Foi-nos pedido para preparar a mesa ao Senhor e aos nossos irmãos; propiciar um encontro com os nossos gestos de ‘proximidade’ e acolhida. A todos nós é pedido que os nossos passos tracem atalhos de esperança, em particular a todos os que passam por momentos difíceis. E, àqueles que sofrem, que caminham sem enxergar, digo: também vós, para os quais aquela ânfora talvez se tenha transformado numa pesada cruz, também vós tendes alguma coisa para dar. Não nos esqueçamos de que foi por meio da cruz que Deus, transpassado, deu-se a nós como fonte de água viva».

DOSSIÊ

A misericórdia em obras

■ **Anna Rita Cristaino**
annarita.cristaino@gmail.com

A misericórdia é o rosto do amor de Deus para conosco, é o amor infinito e eterno que é o próprio Deus. Às vezes, ao lado

da dureza da vida, o crente descobre a misericórdia materna e paterna de Deus, lê os acontecimentos na linguagem da misericórdia, do amor e da bondade de capacidade de iluminar os percalços da existência e da história humana.

Misericórdia, amor, vida de fé tudo nos chama a uma ação concreta que nos torna próximos das pessoas e das situações que encontramos no dia a dia, e é por meio da vida concreta de Jesus que aprendemos quais são os gestos de misericórdia.

As obras de misericórdia, que a tradição católica distingue em *corporais* e *espirituais*, são sinais e testemunhos visíveis, com fatos e palavras, do amor de Deus para com os homens.

Jesus diz aos discípulos: *“Ami-vos uns aos outros como eu vos ame!”*. Deus está mais preocupado com o nosso amor ao próximo do que com o nosso amor por Ele. O amor deve encarnar-se para ser autêntico: o próximo, o outro, é o rosto visível de Deus para mim.

«Por isso eu vos coloquei ao lado do vosso próximo: a fim de que façais a ele o que não podeis fazer a mim, isto é, amá-lo sem consideração de mérito e sem esperar dele utilidade alguma. Eu considero como feito a mim aquilo que fazeis a eles» (de um escrito de Santa Catarina).

■ Aproximar-se do coração do outro

O Papa Francisco, na entrevista de 2013 ao Pe. Antônio Spadaro, diretor da revista *“Civiltà cattolica”*, afirmou: «O que a Igreja mais precisa hoje é ter a capacidade de curar as feridas e aquecer o coração dos fiéis, aproximar-se do coração do outro». E sempre o Papa Francisco, na mensagem para a Jornada dos migrantes e refugiados, sustenta que: «O Evangelho da misericórdia sacode as consciências, impede que nos acostumemos com o sofrimento do outro e indica caminhos de respostas que se enraízam nas virtudes teológicas da fé, esperança e caridade, declinando-se nas obras de misericórdia espirituais e corporais». Cada um de nós, portanto, é chamado a *“não perder de vista”* os irmãos e as irmãs, a ficar atento às suas situações e exigências, a descobrir seus rostos e a reconhecer uma comum humanidade.

A misericórdia é a resposta ao grito do nosso mundo ferido, por meio de ações ricas

de amor, de esperança e de fé, que se concretiza em: dar de comer a quem tem fome, de beber a quem tem sede, vestir os nus, alojar os forasteiros, visitar os enfermos, os encarcerados, enterrar os mortos, aconselhar os duvidosos, ensinar os ignorantes, advertir os pecadores, consolar os aflitos, perdoar as ofensas, suportar pacientemente as pessoas molestas, rezar a Deus pelos vivos e pelos mortos.

As obras de misericórdia são muito atuais: dar de comer e de beber exige a **justiça** num mundo em que os recursos para viver são distribuídos de modo muito injusto; hospedar os forasteiros torna-se uma questão de consciência diante de milhões de **refugiados**, questão que é, hoje, um sinal dos tempos; visitar os doentes e os idosos torna-se cada vez mais importante numa sociedade em que, muitas vezes, conta-se apenas, com quem é jovem, saudável e forte, e com quem tem sucesso; libertar os presos significa melhorar e humanizar a situação dos **prisoneiros** e empenhar-se em favor daqueles que injustamente estão detidos (presos políticos, presos por causa da religião, para não esquecer os cristãos perseguidos, etc.).

■ A misericórdia em ato

Dar de comer a quem tem fome. Matar a fome de quem precisa de alimento significa alimentar o seu desejo de existir e de permanecer ligado à vida. Dar o pão para comer, é necessário para garantir a vida; negá-lo significa condenar à morte. Quantos interesses econômicos giram em torno da alimentação! E quantas contradições! Há Países em que se é bombardeado por programas de cozinha na TV, e postagens nas redes sociais que fotografam a comida; e há Países nos quais deve-se contentar com aquilo que se consegue juntar. Usar de misericórdia, então, é não idolatrar a comida, habilitar-se a um consumo sóbrio e a uma relação com ela, mais equilibrada. A não desperdiçá-la. A fazer de modo que todos possam tê-la!

Dar de beber a quem tem sede

Perceber os que têm sede e tratar a água como um bem precioso, sem desperdiçá-la; considerá-la um bem de todos e não um “assunto privado”. Compartilhar a água e dar de beber também como gesto para vencer toda aridez.

Vestir os nus

Vestir quem ficou nú, restituir-lhe a dignidade, dar-lhe a oportunidade de se vestir, de agasalhar-se, é também um modo de demonstrar afeto. Dar roupas limpas e ordenadas a quem não pode permitir-se nem comprá-las, nem lavá-las, é restituir-lhe dignidade, respeito, descanso. Quando se está nú fica-se exposto. Vestir quem está nú é restituir segurança, é cobrir as feridas e as fragilidades.

Alojar os peregrinos

Oferecer hospedagem, acolher na própria casa, compartilhar a própria vida: o que se é e o que se tem. Oferecer espaço em lugares seguros a quem escapa da guerra e da pobreza, a quem deixa a própria terra e as próprias casas, para sobreviver, para restituir valor à própria existência. Todos somos hóspedes nesta terra que nos é dada como dom. Ninguém é seu proprietário absoluto a ponto de poder decidir quem vai salvar e quem vai deixar morrer.

Visitar os enfermos

Não considerar um descartado ou um peso, quem está doente ou não é mais “produtivo” e “útil”. Continuar a ver naquele corpo enfermo a beleza da humanidade que luta para sobreviver, que continua a ser portadora de amor e de esperança. Os doentes, às vezes, nos assustam porque nos colocam diante da fragilidade e da caducidade da vida. Às vezes são desagradáveis, ou não conseguem mais reconhecer-nos. É precisamente amando os que não podem dar nada de “útil” em troca, que nos educamos à gratuidade. Um corpo enfermo, contudo, não enfraquece a carga de amor de que é portador.

Visitar os encarcerados

Dizer a cada homem, também a quem cometeu erros mais graves, que só pelo fato de ser homem é digno de ser amado, e dizer a cada um que não lhe será tirada a “esperança” de se tornar melhor. Deus que ama as nossas feridas, estimula-nos a abraçar, por conta dele, aqueles que muitas vezes são identificados com o próprio erro. Como dizia Dom Bosco, em cada pessoa existe uma porta para “um ponto acessível”. A nós, não resta senão, aprender a atravessá-la.

Enterrar os mortos

Fazer um enterro digno é um gesto que restitui sacralidade ao corpo que, durante toda a vida, foi templo que se nutriu da Eucaristia, que recebeu a graça, que foi amado e criado por Deus. Enterrar os mortos é fazer de modo que a lembrança do amor dado e recebido por quem já nos deixou, vá além da morte.

Aconselhar os duvidosos

Mostrar os caminhos do bem e do amor de Deus, infundir coragem para ousar estradas que levem à vida. Testemunhar e convidar a crer que o bem vence, que o Senhor não nos deixará jamais sozinhos, quando a injustiça quiser predominar. É mostrar que sempre é possível um caminho de saída.

Ensinar os ignorantes

O saber é um poder e existem os que o exercem para explorar e manipular os que são ignorantes. Ensinar, educar, são atos de justiça que respondem aos direitos, que cada um tem, de gozar das oportunidades diante da vida.

Aconselhar os pecadores

Há algum tempo atrás falava-se de correção fraterna. Chamar a atenção sobre a fealdade, a inutilidade e o não-sentido do pecado, sem se fazer de juizes que sabem ver o cisco nos olhos dos vizinhos, e não sabem ver a trave nos próprios olhos. Colocar-se em alerta diante do mal para que o amor ao próximo me faça desejar o melhor para ele e para cada um de nós. Saber que a consequência mais dolorosa do pecado é a infelicidade do ser humano por haver infringido uma aliança de amor.

Consolar os aflitos.

Cultivar atitudes de empatia e simpatia para sofrer com quem sofre e alegrar-se com quem se alegra. Quando se tem o outro no coração, não se pode deixar de compartilhar suas alegrias e dores. Consolar quer dizer dar suporte, apoio, animar, dar ao coração razões para continuar a esperar.

Perdoar as ofensas

O perdão é o ato que nos torna semelhantes ao Deus misericordioso. É um ato que nos torna livres do rancor e do ressentimento. O perdão torna o nosso coração sempre novo, sempre pronto a recomeçar e a dar novas possibilidades. Torna a nossa mente aberta e capaz de esquecer.

O perdão confere confiança, respeito, olhar novo que sabe distinguir o erro de quem o cometeu. Com o perdão, dado e recebido, somos restituídos a nós mesmos e ao mundo.

Suportar, com paciência, as pessoas molestas. Aprender a ver todas as pessoas com os olhos de Deus e ter consciência de que aquela pessoa que me importuna, que me faz sofrer, que me abala, é amada profunda e infinitamente por Deus.

Rezar a Deus pelos vivos e pelos mortos

Por quem rezamos? Por que pedimos a Deus o bem para nós e para os outros? Rezar é um dos modos com que melhor se manifesta a nossa fé. É uma espécie de abraço misericordioso que abarca tudo e todos, para além dos limites do espaço e do tempo. Rezando pelos vivos e pelos mortos lutamos contra o mal que ameaça as nossas vidas e fazemos a experiência da vida redimida, invocando o Deus misericordioso e compassivo.

«Com a misericórdia tocamos a verdadeira identidade do cristianismo. Ela pressupõe um fundamento geral, que remete à criação do homem para o qual não é bom que esteja só» (Cardeal Kasper)

«Fazer o bem», no entanto, provém da disposição de querer o bem; a benevolência precede a beneficência. As obras descritas estão extremamente ligadas umas às outras e interpelam o nosso amor por nós mesmos, pelos outros e por Deus. Antes de se referir a uma cura ou a um milagre de Jesus, quase sempre os evangelhos falam de sua comoção, de sua compaixão, do fremir de suas vísceras.

O Papa Francisco diz que são misericordiosos os homens e as mulheres capazes de sentir como próprias a miséria e as dificuldades dos outros, que se preocupam e se empenham diante do sofrimento do próximo. Isto é uma graça, um puro dom de Deus. Quem o recebe permanece radicalmente orientado a comportar-se do jeito de Deus, com todos os outros, homens e mulheres, de qualquer idade e condição social.

■ Fazer misericórdia

Era extraordinária a humanidade de Jesus feita de olhares, sentimentos e ações diante de todos os que encontrava, fossem homem ou mulher, velho ou jovem, hebreu ou grego, saudável ou doente.

A caridade de Jesus traduzia-se em «fazer misericórdia», porque, para Ele a misericórdia não era apenas um sentimento. Sua caridade traduzia-se em cuidar do outro, assumir a responsabilidade do necessitado e empenhar-se em ações, em comportamentos que envolviam todo o seu ser: coração e mãos, mente e corpo.

Jesus percebia a necessidade do outro; nada lhe passava despercebido. Quando o outro mostrava o próprio rosto, Jesus de detinha e se aproximava, com uma unção que o tornava próximo (cf Lucas 10, 36), vizinho a ele. É nesta situação que o outro pode ser escutado e expressar suas necessidades. Jesus nos ensina, com a pergunta: «O que você quer que lhe faça?» (Mc 10, 51), que poderíamos, com mais frequência, fazer a todos os necessitados que encontramos em nosso caminho. «Não impõe nenhuma ação, não determina ele o que fazer a serviço do outro, mas em primeiro lugar o escuta, atitude simples mas difícilíssima a cada um de nós: escutar para obedecer à necessidade, à pobreza do outro. Somente assim o pobre, o necessitado não se tornam um objeto ou um pretexto para a nossa ação, mas se levantam, como explica a tradição bíblica, como sujeitos diante dos quais, inclinar-nos; são sacramentos de Deus, sinais capazes de revelar-nos o Senhor; são verdadeiros mestres, porque possuem um magistério que é reconhecido»

Em cada um de nós existe a capacidade da misericórdia, mas muitas vezes não temos tempo para colocá-la em ato, caindo no pecado da omissão, principalmente. É muito raro praticarmos más ações contra os necessitados, mas quase sempre nada realizamos em favor deles! Quantas são as formas de pobreza? Tantas quantas são as necessidades! E a misericórdia deve impelir-nos a “fazer misericórdia”, a passar do sentimento tão natural que existe em cada pessoa, à escolha de empenhar-se em realizar, concretamente, gestos e ações como cuidar do outro, ajudar o outro, afim de que possa sair de sua condição de necessitado. Se uma pessoa souber praticar, com relação ao próximo, as operações de perceber, de aproximar-se, de escutá-lo em

suas necessidades, então fará misericórdia, colocar-se-á a serviço dos pobres, sentindo em si o peso da responsabilidade para com o outro, que é irmão ou irmã.

Escreve Enzo Bianchi: «Para Jesus eram pobres todos aqueles que se encontravam em necessidade: doentes, marginalizados, excluídos da sociedade, desprezados pela gente comum e pelos que detinham o poder religioso, desafortunados golpeados pela dura arte de viver, indefesos e sozinhos... Jesus nunca sacralizou uma condição social, mas viu em quem é necessitado uma pessoa desejosa de mudar a própria situação, pronta a acolher a

■ Esmola e hospitalidade

A misericórdia está próxima dos pobres e dos pecadores porque vislumbra neles uma humanidade pisoteada. A aproximação dos pobres assumiu na história formas diversas, que podem ordenar-se em torno de dois conceitos: a esmola e a hospitalidade. Em ambos os casos trata-se de doar o que se tem ao que não tem e que tem necessidade. Assim, a misericórdia em ato articula-se desde a caridade mais elementar até a justiça como princípio social e realidade institucional. Tanto a reação imediata como a ação a longo prazo, para reduzir a injustiça e aumentar a justiça, é misericórdia. Fica-se orientado, então, a uma ação que procura mais o próximo do que a si mesmo. Vai-se na direção daqueles que sofrem mais, porque, uma parte do necessário, que era comum, lhes foi tirada. A misericórdia é o amor que se aprofunda por meio do que o coloca à prova, no corpo ferido, em palavras e gestos. É serviço e também um chamado: serviço ao pobre e ao pecador; chamado do pobre à fraternidade e do arrependido ao perdão; chamado comum à justiça e à paz. É na gratuidade que se realiza o serviço por meio do qual o próximo “é amado como a si mesmo”. O próximo é como você mesmo, um homem amado incondicionalmente, capaz de aliança no mesmo amor: aí está a fonte do respeito. *Louvor, respeito, serviço* são os três movimentos inseparáveis da misericórdia, para com o próximo assim como para com os distantes, tanto na dimensão corporal como na espiritual.

■ Quem é o meu próximo? (Lucas 10, 25-37)

Este é o tempo em que a Igreja, solicitada pelo Papa Francisco é chamada a deixar-se conquistar pela ternura de Deus, é chamada a contemplar o “rosto” do Deus da misericórdia (*Misericordiae Vultus*) a irradiar a

beleza e o ardor. É tempo de deixar-se seduzir por um Deus que nos olha «com olhos cheios de afeto, enamorado da nossa pequenez». Muitos são os trechos evangélicos que nos falam deste amor: o bom samaritano, “um amor visceral que sabe parar e cuidar; o pai do filho pródigo, “um amor apaixonado que se reconcilia consigo mesmo e com os outros”; o fariseu e o publicano, “amor que justifica”.

Na Bula de convocação ao Jubileu extraordinário da Misericórdia, *Misericordiae Vultus*, o Santo Padre discorre sobre a misericórdia como o «caminho que une Deus e o homem, porque abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, não obstante os limites do nosso pecado» (MV 2). Apresenta de tal modo a manifestação concreta do amor de Deus que encarna os traços do amor «de um pai e de uma mãe que se comovem visceralmente diante do próprio filho», traços de «um amor “visceral”» porque a misericórdia «provém do íntimo do ser, como um sentimento profundo, natural, feito de ternura e de compaixão, de indulgência e de perdão». O nosso Deus é um Deus todo envolvido na trama humana que se faz corpo no homem Jesus, manifestação da sua misericórdia e ternura, abrindo ao ser humano a possibilidade de experimentar o contato físico: o toque de uma mão que cura e liberta, a carícia que sustenta e consola, a convivência que se cumpre com gestos de partilha, a entrega de uma mão desarmada que se deixa agarrar.

Bom Samaritano (Lc 10,25-37)

«Protagonista desta parábola lucana é o amor ao próximo que traz em si o selo do amor de Deus (...). O amor é, então, aquela realidade que permite ao homem e à mulher assemelhar-se a Deus, experimentar sua presença luminosa, ardente, dinâmica, regeneradora...

As operações de socorro que o samaritano realiza, mesmo sendo simples, exalam um especial perfume: revelam a contínua intervenção de Deus em favor de seu povo.

O samaritano não se limita a socorrer o homem ferido, levanta-o e o coloca em seu meio de transporte. Conduz o ferido para um lugar onde iria receber hospitalidade; e lá cuidou dele.

Na parábola do bom samaritano Jesus realiza uma troca de perspectiva e convida o seu interlocutor a fazer uma inversão: não se trata mais de saber quem é o meu próximo – como recitava a pergunta capciosa do doutor da lei – mas de entender que eu mesmo sou convidado a tornar-me próximo de quem tem necessidade de atenção, socorro, ajuda» (Rosalba Manes, *O céu se abriu. O Deus misericordioso e terno de Lucas*)

Encontrar os nômades de hoje

Mara Borsi
mara@fmail.it

A cultura do sujeito, tão evidente nas teorias do pós-humanismo e da ideologia de gênero, mostra o cancelamento da polaridade sexual masculina/feminina para ser substituída pela lógica do *continuum*; ao indivíduo é definitivamente reconhecida a característica de sujeito nômade intimamente possuído por uma lógica de mudança. O homem de hoje é um nômade que, fora da trilha batida, procura escrever a sua vida no singular.

A cultura dominante promove a possibilidade, para cada indivíduo, de realizar-se segundo o seu desejo, de determinar-se por si próprio, de forjar as próprias convicções pessoais, longe de qualquer uniformidade ou doutrinação. “Ser eu mesmo” é hoje um direito.

Na sociedade atual cada qual é orientado – e de certo modo constrangido – a forjar sua identidade, para encontrar o caminho.

Também as crianças são iniciadas nesta liberdade; na família e na escola são convidadas a falar, a expressar-se livremente, a avaliar as coisas e a tomar decisões que as afetam.

Esta valorização do sujeito modifica profundamente o sentido da religião na sociedade e na vida dos indivíduos.

No passado a fé era transmitida com a cultura como alguma coisa natural, como se caminhasse por si mesma, ao menos em alguns contextos. Hoje a cultura não transmite imediatamente a fé, mas a liberdade religiosa.

Muitas pessoas hoje ficam na indecisão, sobretudo no campo religioso, e permanecem na confusão, sem uma adesão firme e um empenho decidido. Muitos dos nossos contemporâneos encontram-se nestas palavra de um jovem universitário, Marcos: «Não sei se sou um não-crente; acredito em qualquer coisa, mas não sei nem eu mesmo, em que coisa...»

Vivemos num mundo complexo que gera perplexidade. Perguntas: como ser você mesmo, como encontrar a própria vida, como ter convicções pessoais, imersos no pluralismo, na diversidade?

■ **Inteligência, cordialidade, respeito**

Neste contexto, no qual domina a indecisão, podemos perguntar-nos: o que significa evangelizar apostando na liberdade, e o que implica valorizar a sensibilidade diante da liberdade religiosa? Para responder a estas perguntas o teólogo André Fossion indica a necessidade de valorizar as exigências da razão, manifestar uma cordialidade sem condições e enfim, respeitar o caminho que temos à nossa frente.

Honrar a razão. A fé cristã não se reduz a um simples percurso racional; implica sempre um salto na confiança. Mas esta confiança, que vai além da razão, não pode menosprezar a razão. Evangelizar é, então, necessariamente apelar para a inteligência, dirigir-se a ela sublinhando as razões que podem levar a crer. Trata-se de mostrar a todos, quaisquer que sejam suas capacidades intelectuais, que a fé é racional, tem uma coerência que a torna confiável.

Hoje, mais que nunca, num mundo científico e técnico, evangelizar as inteligências torna-se uma exigência fundamental. Ocorre uma informação séria, uma reflexão de qualidade, uma aproximação metódica da mensagem cristã para fazer experimentar de novo, com o apoio da inteligência, o sabor do Evangelho. Para dar à fé, hoje, todas as suas possibilidades ocorre honrar a inteligência.

Cordialidade e proximidade. Quem testemunha o Evangelho é chamado não só a honrar a inteligência do seu interlocutor, mas também a entreter com ele, como com qualquer pessoa, uma relação marcada pela cordialidade sem condições. A fé não se reduz a sentimentos, e não leva à abertura ou à adesão sem uma experiência de cordialidade compartilhada e de aproximação. Mostrando um Deus de amor, como poderia ser confiável o anúncio se não se encarnasse numa relação de amizade, de acolhida, de reconhecimento mútuo? Um Deus amável, amigo da pessoa humana, não

pode ser comunicado senão com uma incondicional cordialidade.

O respeito pelo outro. Quem testemunha o Evangelho é chamado a anunciar as próprias convicções, sem medo nem hesitações, mas sempre deixando ao outro a liberdade de traçar, passo a passo, o próprio caminho. O que conta é que o outro possa apoiar-se no testemunho escutado, fazendo seus os elementos que o inspiram, que lhe parecem adequados para edificar a sua existência.

Nesta modalidade de comunicação a evangelização não é conquistada.

A evangelização hoje passa por vários caminhos. O caminho dos pequenos grupos, em uma escala humana, nos quais podem-se discutir as questões da vida e da mensagem evangélica, com a inteligência, na cordialidade incondicional e no respeito ao caminho de cada um, parece particularmente oportuno, para oferecer aos nômades, nossos contemporâneos, lugares de encontro, em que cada um possa fazer perguntas, apresentar dúvidas e convicções, e sair dali com as sementes do Evangelho no coração e na razão.

A liberdade religiosa promovida pela nossa cultura, demanda testemunhas do Evangelho que sejam, elas mesmas, libertadas: libertadas para arriscar um encontro, para falar com segurança, livres também para acolher a liberdade do outro, livres de toda vontade de domínio, como respeito pelo agir de Deus e pelo mistério de cada pessoa.

Christophe Munzehirwa, mártir da paz no Kivu Nasce em Lukambo (República Democrática do Congo) em 1926. Em 7 de setembro de 1963 entra na Companhia de Jesus. Em 9 de novembro de 1986 é consagrado Bispo. Em 15 de setembro de 1993 foi nomeado administrador apostólico da arquidiocese de Bukavu da qual permanece Pastor por apenas dois anos e meio. Grita ao mundo a situação dramática que se criou na região dos Grandes Lagos. Em 9 de outubro de 1996 foi assassinado. Na carta à Igreja de Uvira, Bakavu, 12 de outubro de 1996, lê-se:

«Hoje como ontem é a união dos corações e da ação que salvará BUKAVU [...]

Devemos tomar consciência do perigo e das intenções injustas e belicosas para poder esconjurá-las com a oração e o diálogo. É melhor impedir a guerra. Os ambientes internacionais deram a impressão de estar olhando o desfecho das forças da morte diante do problema dos refugiados hutus.

Cristãos, mesmo se não conseguirmos frear a violência, devemos sempre desaprová-la: devemos saber dizer Não, um não absoluto. Por outro lado, devemos tentar superar a violência e as hipocrisias, devemos sempre denunciá-las, devemos saber dizer NÃO, um não absoluto para despertar uma visão melhor do mundo tão profundamente desnordeado, no qual a cizânia misturou-se com o trigo. O bom grão existe, o Bom grão é Cristo que vive hoje em meio à cizânia nas horas mais obscuras das tragédias humanas. Um sábio afirma: "Há coisas que não se podem ver a não ser com os olhos que choram". Nestes dias em que se continua a escavar fossas comuns, em que a miséria e a doença se estendem sobre milhares de km de estradas, pistas, atalhos, colinas refúgios, campos, nós somos particularmente interpelados pelo grito de Cristo na cruz: Pai perdoa...»



EM BUSCA *Horizonte família*

Família: um tesouro social

| Giulia Paola Di Nicola – Attilio Danese
danesedinicola@prospettivapersona.it

A família, do ponto de vista da sociedade, é realmente um bem a ser cuidado e promovido? A questão pode ser vista sob vários aspectos. Consideremos alguns deles.

■ **Sexualidade.** Em qualquer cultura, a estrutura familiar marca a passagem de relacionamentos sexuais de tipo instintivo-animalesco, livres de restrições éticas e inspirados na força e no prazer, a relacionamentos regulados; do instinto de posse à promessa de fidelidade e estabilidade, que é uma constante do vínculo matrimonial. Não que o matrimônio seja uma varinha mágica que santifica o que não é

santo, mas certamente ajuda a viver a sexualidade de modo humanamente digno, porque a insere numa relação interpessoal fundada por um pacto de amor, que a protege do risco de cair no prazer solitário do eu, na exploração do outro.

No matrimônio a sexualidade revela-se como linguagem do corpo que não é nem diabólico nem paradisíaco, não resolve todos os problemas mas é um grande apoio à unidade integral do homem e da mulher: sentimentos, valores, inteligência, escuta, compreensão.

Assistimos às reivindicações de uma sexualidade desenfreada (prostituição, prazeres solitários, jogos de risco, dependências, pedofilia...), atração para o mercado sexual, que visa à gratificação sem levar em conta as consequências e a exploração dos sujeitos mais frágeis (pessoas solitárias, doentes, depressivas, frustradas no trabalho...).

A linguagem da mídia reduz o encontro a “fazer sexo”, a procriação a “fazer filhos”, a educação a gostar da técnica de fazer amor.

Na relação conjugal o *eros* é orientado ao bem e à felicidade de cada um, sem dissociar o prazer da comunicação interpessoal, libertando a pessoa da angústia do abandono e trabalhando para aperfeiçoar a qualidade do relacionamento, não por força dos preceitos e da tradição, mas pela boa disposição a respeitar o próprio corpo e o do outro, os diversos ritmos de vida e as vocações.

■ **Procriação.** Gerando filhos, os esposos não satisfazem apenas o desejo de prolongar a vida, mas sobretudo o de assistir ao desenvolvimento de um ser humano novo e único, que possui a sua marca e mescla, de modo original, inseparável e novo, as características da herança genética da mãe e do pai, dos avós, dos tios. Mesmo se hoje procura-se, por meio da ciência e da técnica, separar o sexo do amor, da procriação e da responsabilidade por meio dos bancos de sêmen, o útero de aluguel, as procriações artificialmente programadas, todos continuam a alegrar-se por terem nascidos – e que os seus filhos nascerão – do abraço caloroso de um homem e uma mulher enamorados, que recebem da natureza e de Deus, precisamente em virtude do amor, o poder de serem cocriadores.

Juntamente com o prazer de se sentirem confirmados na potência da masculinidade e

feminilidade, os pais se sentem artífices de um recomeço de vida, da renovação da face da terra, do triunfo da vida sobre o tempo. Eles garantem o futuro da sociedade porque dispõem da riqueza decisiva para a vida de qualquer nação: as novas gerações.

■ **Educação e acompanhamento.** O matrimônio e a família não são fundamentais somente por procriar filhos, mas sobretudo por educá-los e acompanhá-los nas diversas fases do crescimento, até a autonomia, e além. De um filho não se livra mais, nem mesmo quando morre. Os filhos que têm por trás uma família unida, têm maior possibilidade de criar em torno de si uma bonita família, um ambiente humanamente capaz de desenvolver pessoas maduras e cidadãos confiáveis.

Os filhos têm todo o tempo para aprender como se relaciona com os outros, vendo o relacionamento entre a mãe e o pai, crescendo à sombra de uma família sólida, respirando um clima de positividade, não obstante os inevitáveis conflitos, e para além deles. Podem suportar as incompreensões normais entre a mãe e o pai, se percebem que a estabilidade de sua família não é colocada em discussão. Ao contrário, se trazem consigo as feridas de uma família destruída, será necessária uma ação de recuperação que custará esforços notáveis.

A principal reprovação dos filhos aos seus pais é a não coerência entre as regras impostas e seus comportamentos.

São necessários tempos longos, confirmações afetivas e cuidados da parte dos terapeutas, amigos, adultos premurosos e, talvez, um futuro *partner* fiel, capaz de compensar os efeitos de uma má educação, prodigalizando-se com paciência, insistência, até transformar o limite em recurso.

Nenhum genitor é perfeito. Todos trazem na sua bagagem alguma vivência afetiva traumática a ser elaborada, mesmo se forem filhos de casais unidos e normalmente casados na Igreja. É sinal de responsabilidade procriar procurando assegurar aos filhos o melhor ambiente humano relacional possível. A experiência e a busca atestam que o dever educativo terá maior possibilidade de sucesso se os pais viverem aquilo que dizem, se se

comportarem de acordo com os valores que apregoam.

■ **Confiança na Instituição.** Na cultura contemporânea respira-se um difuso descrédito das instituições, da política e do público em geral. Contextualmente, cresce também a desconfiança diante do matrimônio como instituição, parecendo que a causa das falências conjugais seja a própria instituição. Pensa-se que as “famílias factuais”, as convivências *more uxorio*, sem liame civil nem religioso, sejam o melhor modo para proteger o amor. Com efeito, a documentação histórica atesta que, com muita frequência sob a égide da instituição matrimonial, acoberta-se e é justificada a opressão do mais forte (violência, exploração do trabalho, distribuição funcional de cargos...). As críticas, todavia, não podem liquidar a instituição enquanto tal: nenhuma instituição poderá jamais ser substituída pela livre promessa que duas pessoas se fazem, de viverem juntas fielmente até o fim de seus dias. É o consenso de um homem e uma mulher que fundamenta a aliança, antecede e dá a razão da realidade sócio-institucional e sacramental que sanciona publicamente e *ex post* o matrimônio. Nem mesmo a Instituição eclesial pode fundamentar uma aliança se não existe a liberdade dos contraentes, porque a inspiração de amar-se para sempre deve brotar dos corações e das consciências. Semelhantemente, nem a Instituição civil nem o sacramento podem humanizar um ato violento, quando o matrimônio se torna a desculpa para pretender aquilo que se considera devido e que, ao invés, deve ficar livre.

O matrimônio estável não garante o sucesso da educação, mas oferece maiores garantias para trabalhar os relacionamentos e corrigir-lhes os limites com tentativas, erros, incompreensões, entregando à sociedade cidadãos responsáveis e criativos

A diferença entre a convivência e o matrimônio está precisamente na institucionalização do relacionamento, a qual fundamenta oficialmente uma família, com certificados no Cartório, com regras a serem cumpridas, com testemunhas, um representante oficial do Estado e/ou da Igreja. As modalidades variam nas diversas culturas, mas cada sociedade, ao logo da história, considerou o matrimônio como

seminarium rei pibblicaee, que educa os cidadãos à virtudes cívicas: valores da promessa, responsabilidade, cuidado com o frágil, convivência entre diferenças. O Estado intervém para regular os relacionamentos, os bens, os deveres e as tutelas, com particular atenção aos sujeitos potencialmente mais expostos a serem explorados, ou seja, os menores, as mulheres, os pais idosos.

■ **Uma sociedade a ser envolvida.** O relacionamento com a instituição não é em sentido único: com o matrimônio os esposos “obrigam” a sociedade a reconhecer o seu pacto de aliança e pedem um empenho para sustentar a nova família. Pedem para serem ajudados e, em caso de inobservância e de conflitos, para serem protegidos da injustiça, lá onde o respeito e os direitos são pisoteados. Os esposos pedem implicitamente à sociedade para garantir o seu empenho intervindo na ocorrência com o espírito da subsidiariedade: não expropriar mas sustentar, integrar e preencher as lacunas da família, todas as vezes em que esta não consegue cumprir os seus deveres. Se bem que os Estados Unidos, com um empenho de despesa variável, asseguram um certo número de intervenções de apoio, na realidade eles descansam muito mais sobre o espírito de serviço das famílias e fazem pouco para ajudá-las. Neste âmbito não é fácil encontrar o justo equilíbrio entre o intervencionismo, com o risco de expropriação do dever dos genitores (quando se tira com facilidade os filhos de pais considerados não confiáveis) e a indiferença de um Estado que tem sempre alguma coisa mais urgente à qual dedicar os seus recursos.

Conseguir-se-á não pensar na família como objeto de assistência, mas antes de tudo, como sujeito produtor de inestimáveis recursos sociais, com formas de auto-organização, de baixo para cima, que devem poder emergir e se tornar social e politicamente decisivas para uma boa convivência.

EM BUSCA *Em sua imagem*

Genitores e gender

Paulo Ondarza
paolo.ondarza@gmail.com

A questão gender não tem fronteiras. Em 2015, falando com as famílias em Manila, nas Filipinas, o Papa usou a expressão “colonização ideológica”, referindo-se ao episódio de uma mulher, ministra da Educação Pública que, precisando levantar fundos para construir escolas para os pobres, pediu um empréstimo. E a resposta – contou o Santo Padre – foi condicionada à adoção de um livro de texto que falava da teoria gender.

O tema, *genitores e gender*, foi levado aos Sínodos sobre a família, pelos Bispos africanos que denunciaram a oferta de ajudas ao desenvolvimento de seus Países, por parte de grandes organizações, em troca da introdução de políticas gender. A propaganda Lgbt preocupa também a Igreja da América do Sul: os Bispos da Bolívia denunciaram as pressões da Organização Internacional sobre o governo de La Paz com a finalidade de fazer aprovar o projeto de lei que introduz o direito à escolha do gênero e, aos médicos, a obrigação de praticar intervenções de mudança de sexo. No mesmo sulco coloca-se o pronunciamento do Episcopado dos Estados Unidos que, depois da liberdade dada pela Corte Suprema USA aos matrimônios gay, em 2015, falou de um “trágico erro” lembrando que “o significado único do matrimônio, união de um homem e uma mulher” está “inscrito nos nossos corpos e a proteção deste significado é um aspecto decisivo da ecologia integral”.

“A ecologia – lê-se na encíclica *Laudato Si* – implica a necessária relação da vida do ser humano com a lei moral inscrita na sua natureza. A aceitação do corpo como dom de Deus, na sua feminilidade ou masculinidade, é necessária para acolher e aceitar o mundo inteiro como dom do Pai”. O Papa Francisco volta a falar sobre o tema também na Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* na qual descreve uma ideologia “genericamente chamada gender” que “nega a diferença e a reciprocidade natural homem-mulher”, anunciando “uma sociedade sem diferença de sexo” e “esvaziando a base antropológica da família”. “Não se deve ignorar que «sexo biológico (sex), e papel social-cultural do sexo (gender), podem ser distinguidos mas não separados. Segundo tal ideologia – escreve o Papa – a identidade humana é entregue a uma opção individualista e, também, mutável no tempo. É inquietante a tentativa de impor um pensamento único que

determine a educação das crianças. Esta última é, ao invés, «dever gravíssimo» e «direito primordial» dos pais. O Estado oferece um serviço subsidiário e acompanha a função não delegável dos pais, que têm o direito de escolher com liberdade o tipo de educação dos filhos, segundo as próprias convicções”. O Papa comenta como se já estivesse aberta “uma fratura entre família e escola”. Com efeito, é o que denunciam, em diversos Países, numerosas famílias e professores que, na tentativa de tutelar o direito-dever dos pais na educação de seus filhos, sancionado pelo artigo 26 da Declaração Universal dos direitos humanos, constituíram grupos e associações.

Clara Iannarelli é uma professora romana, vice-presidente da associação, *Comitato Genitori Articolo 26*, que é uma forma de colaboração Escola-Família, em favor da educação.

Dra. Iannarelli você pode dar-nos exemplo de algum sinal recebido?

Nem sempre os pais se sentem de denunciar, visto que em alguns casos foram rotulados como homofóbicos pela comunidade escolar. Alguns escolheram relatar: Em uma escola maternal de Roma, por exemplo, soubemos que as educadoras, depois de terem participado de um curso na Cidade sobre as *‘famílias arco-íris’*, propuseram a crianças de 20 meses, o livro ilustrado *Piccolo Uovo* que introduz aos temas das uniões gay e da fecundação artificial. Os pais não foram informados e muitos não gostaram. Uma família protestou e, não ouvida e rotulada como obscurantista, chegou à difícil decisão de tirar o seu filho da escola materna. Perto de Perugia, numa escola primária desenvolveu-se um projeto de educação às diferenças, utilizando o livro *Nei panni di Zaff*, que propõe o tema do transexualismo e da escolha da identidade sexual. São muitos os cursos contra o bulismo homofóbico nos Cursos Superiores que enfrentam o problema, somente expondo os jovens a contínuos estímulos de não conformidade sexual, como se fosse esta a única abordagem pedagógica possível para educar ao respeito das pessoas com orientação homossexual

Como invtervir?

Sensibilizamos os pais acerca de seus direitos e, em seguida, os colocamos em

rede. Um pai sozinho é um sujeito frágil; juntos, são uma força. Procuramos estimulá-los a participar da vida da escola. Além disso, coadjuvados por especialistas psicólogos e pedagogos, oferecemos consultorias a respeito dos projetos didáticos e dos livros de texto. Recentemente o *Comitê Defendamos os nossos filhos* instituiu um “Observatório nacional”, para colher os sinais e submetê-los ao Ministério da Educação. Lembramos que, para uma relação correta escola-família, é necessário que todas as atividades educativas que incidem em questões sensíveis sejam reconhecidas como facultativas e submetidas ao consenso dos pais informados.

De onde nascem estas “experiências educativas”? Quem as quer?

Nos últimos dois anos multiplicaram-se as iniciativas da educação afetiva e sexual inspiradas no “queer”, reconduzíveis à invasão política do *gender mainstreaming* que, nascido nos organismos supranacionais (ONU in primis), refere-se à aplicação sistemática da perspectiva de gênero junto a todos os governos, em todos os níveis. Por meio do *gender mainstreaming* propõe-se/impõe-se a utilização do termo *gender* em cada ato político e se condiciona o acesso dos governos nacionais aos fundos para o desenvolvimento e aos fundos para a pesquisa.

Em vários Países assistiu-se à tentativa de introduzir as assim chamadas teorias *gender* nas escolas...

Podemos dizer com uma veia sarcástica que muitos Estados Europeus estão “na vanguarda”! Na Alemanha, os cursos de educação sexual e diversidade de gênero criaram debates, após casos de crianças que iam para a “hiperventilação” de conteúdos sexuais muito explícitos, na sala de aula. É célebre o caso dos conjugues Martens que encontraram a polícia no patamar de sua casa por não terem mandado os filhos para a escola, não compartilhando a educação sexual em *molho gender*, tornada obrigatória. É notável também a história do Jardim da Infância sueco *Egalia*, rebatizado “a escola infantil das crianças sem sexo”, onde os pequenos são chamados com o pronome HEN.

Alarmismo ou indiferente desvalorização do problema? Qual é a atitude certa a ser

tomada diante da ideologia *Lgbt* nas escolas?

A busca de uma atitude mais oportuna e eficaz caracteriza o nosso serviço. Num contexto em que a escola ultrapassa a própria função subsidiária, parece hoje infundada a polêmica segundo a qual querese-ia fazer acreditar que o “*gender* não existe”. Hoje é necessário formar-nos continuamente para argumentar nossas legítimas perplexidades. Os pais não só estão alarmados, mas ativados, não desanimados, mas prontos a acolherem positivamente o grande desafio da liberdade educativa. Por outro lado, uma aproximação meramente alarmista ou um fechamento prejudicial a qualquer iniciativa de educação afetiva ou às diferenças, resultaria não construtiva e contraproducente com relação à necessária obra de sensibilização acerca dos riscos reais desta ideologia. Penso que entre nós católicos também existe muita confusão. Alguns temem que denunciar quer dizer levantar muros. Faz-se confusão entre a discriminação entre as pessoas e a das ideias. As pessoas devem ser sempre acolhidas, mas é de dever discernir quais modelos antropológicos e sociais devem ser rejeitados e quais não devem, reafirmando com coragem e caridade a beleza da verdade inscrita na natureza.

**“Os pais têm direito de propriedade na escolha do tipo de educação que será ministrada a seus filhos”
(art 26)**



Educar-nos a novos estilos de vida para mudar o mundo

■ **Nieves Rebozo**
nieves@cgfma.org

Uma das primeiras coisas que impressionam na Encíclica *Laudato si* é uma afirmação que tem um caráter ao mesmo tempo ontológico, teológico, mas também político: tudo no mundo está intimamente ligado. Seres humanos, natureza e ambiente, criação e sociedade estão ligados entre si: «Ecologia humana e ecologia ambiental, caminham juntas»

O mundo é um ecossistema e não se pode agir sobre uma parte sem que as outras se ressentam. Esta abordagem é o passo avante que a *Laudato si* oferece a todos aqueles que a leem: crentes e não crentes. A ecologia integral pede-nos para procurar o que mantém unidos os fenômenos que muitas vezes são concebidos como separados, a partir da justiça social e do ambiente. Se ela nos pede a fadiga da complexidade, esta abordagem permite integrar: *disciplinas* (ciências exatas, sociais e humanas, filosofia e teologia, política e economia, etc.), *profissionalismo* (cientistas e técnicos, pesquisadores e professores, operadores sociais e funcionários públicos, empresários e políticos) e *dimensões da pessoa* (espiritual, profissional, intelectual, afetiva, religiosa) que o mundo quebrado habitua-nos a isolar. Esta integração, de saberes educativos e de vida será dom recíproco nas comunidades, em favor de tantos jovens que encontramos e das comunidades educativas onde trabalhamos.

■ Integração

Nesta perspectiva percebe-se uma linha diferente de integração: entre a abordagem científica e o olhar contemplativo, capaz de colher a realidade como mistério que não se pode dominar, com atenção à dignidade e com um sincero afeto por cada criatura,

mesmo a mais aparentemente insignificante: São Francisco é indicado como modelo, deste olhar contemplativo.

Se nos aproximarmos da natureza sem esta abertura ao estupor e à admiração, se não falarmos mais a linguagem da fraternidade e da beleza em nossa relação com o mundo, nos comportaremos sempre e somente como dominadoras – também nós consagradas a gerar vida... – como consumidoras ou exploradoras dos recursos naturais e das pessoas, incapazes de escapar da lógica da maximização da vantagem individual, do uso funcional que podemos fazer até mesmo das habilidades, dos talentos e das virtudes de nossas irmãs.

Que bela a atitude do cuidador que zela, que não considera a criação e a criatura como recursos a serem explorados de maneira intensiva e cruel, mas como um jardim a ser cultivado!

humanidade e do tempo histórico em que vivemos: «Para qual finalidade viemos à esta vida? Para que escopo trabalhamos e lutamos? Por que esta terra precisa de nós?». Se não nos colocarmos estas perguntas fundamentais – diz o Papa Francisco - «não creio que as nossas preocupações ecológicas possam obter efeitos importantes» (n. 160).

O Papa Francisco nos desafia a dar um novo salto: não somos apenas membros do mesmo Instituto e da mesma família humana, mas «criados pelo mesmo Pai, todos nós, seres do universo, somos ligados por vínculos invisíveis e formamos uma espécie de família universal, uma sublime comunhão que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde» (n.89).

■ Cuidado e proteção

Francisco usa um termo espanhol muito bonito que é “cuidar” que quer dizer tomar cuidado, olhar com atenção, fazer crescer. Na ação educativa geralmente pensamos em proteger e cultivar. As duas indicações constituem o mandato que foi dado ao homem no Jardim, no início dos tempos, como dois verbos, de certo modo

alternativos, que se devem mitigar um ao outro. Realmente, na acepção original, *cuidar é propriamente cultivar*; não se pode cuidar sem cultivar, portanto, sem olhar com atenção, sem respeitar, mas também sem fazer crescer. Na Encíclica, a tutela está ligada ao tema da educação: é muito bonito. Nós cuidamos fazendo crescer, portanto, educando a este humanismo integral e integrante, para depois *educar-nos a conviver e a participar*, que é fundamental.

■ Escuta e diálogo

O Papa Francisco, nesta Encíclica, parte da escuta: escuta todas as pessoas e, portanto, se faz escutar. Do ponto de vista da comunicação esta sua escolha, antes mesmo dos conteúdos, nos diz qual é a atitude correta: reduzir as distâncias. E de fato, o Papa é um pouco como o Samaritano que, livre das classificações sociais, das tradicionais distinções culturais, atravessa a estrada por primeiro, faz-se encontro com os outros para cuidar da humanidade ferida neste momento.

Se a degradação do ambiente e da sociedade são causadas pela falta de uma visão integral, então a terapia para sair «da espiral de autodestruição, em que estamos afundando» (n.163), não pode ser senão o diálogo.

Para produzir frutos duradouros, o diálogo deve ser «honesto e transparente», fundado na disponibilidade de colocar sobre a mesa todas as informações disponíveis; a transparência é o melhor antídoto contra a corrupção. O diálogo deve ser inclusivo, dando a todas as partes interessadas, especialmente aos mais frágeis, a possibilidade de participar e de se fazer ouvir. E enfim, deve integrar todos os aspectos: os científicos e técnicos, os econômicos e sociais, mas também os éticos e religiosos.

Todas as comunidades cristãs têm um papel importante a ser realizado nesta educação assim como as casas religiosas de formação deverão – com crescente convicção e competência – educar a uma austeridade responsável, à contemplação reconhecida do mundo, ao cuidado com a fragilidade dos pobres e do ambiente (n. 214).

É bonito o empenho à vida sóbria, já que a sobriedade, vivida com liberdade e consciência, é libertadora. Não é menos vida, nem baixa intensidade, mas é o contrário, completamente.

De fato, aqueles que na sociedade hodierna gozam mais e vivem melhor cada momento são os que param de consumir sem pensar, buscando sempre o que não têm, e os que experimentam o que significa apreciar cada pessoa e cada coisa, aprendendo a familiarizar-se com as realidades mais simples e sabendo gozar delas. Que bonito este presente de nós mesmas: educadoras sóbrias e alegres!

A ecologia integral torna-se modalidade de discernimento para as comunidades Fma e para as comunidades educativas diversificadas: escola, família, mídia, catequese. Uma boa educação escolar na infância e na adolescência planta sementes que podem produzir efeitos longos durante a vida, tendo sempre presente a importância central da família (n. 213)

A voz dos jovens

Os Jovens... e a misericórdia em obras

Gabriella Imperatore – Emília di Massimo
gimperatore@cgfma.org emiliadimassimo@libero.it

Senhor, quando te vimos com fome, com sede, migrante, no cárcere? É bonito e surpreendente descobrir em quantos lugares a Igreja se fez carne nas chagas da existência frágil e pobre de tantos jovens e adolescentes. Esses lugares são uma oportunidade para deixar-se interpelar cotidianamente pelos famintos, sedentos, nós, migrantes, enfermos, encarcerados de hoje.

A *Cidade da Guatemala* tem a estrutura típica de todos os grandes aglomerados dos Países pobres, com zonas muito ricas e enormes favelas, onde vive um grande número de pessoas em condições precárias de vida. Entre estas, os jovens constituem um dos grupos mais vulneráveis e em risco. Fogem para a rua devido às condições de miséria e de violência nos contextos familiares desregrados.

No Oratório e Centro Juvenil da comunidade *Maria Auxiliadora*, na Guatemala, trabalha cotidianamente na missão educativa-salesiana, Ir. Ana Beatriz Sánchez Solito, que relata: «Às vezes não

percebemos o que já vivemos; e não perceber é como viver num certo grau de cegueira que não nos permite ver corretamente, nem distinguir onde estamos e com quem estamos».

O Evangelho fala deste que tem fome, daquele que tem sede, de quem é prisioneiro ou doente. Todas situações muito comuns, cotidianas, no entanto, os personagens dos grupos insistem em dizer que não O viram. **Senhor, quando foi que te vimos?**

«Em algumas ocasiões – continua Ir. Ana Beatriz – trabalhamos muito para o Senhor, fazemos o bem, ocupamo-nos com coisas muito importantes, e pode nos acontecer de não reconhecer onde está Jesus. «A realidade é o lugar do encontro com Deus. Não são os planejamentos que nos renovam, mas contemplar esta realidade com o olhar de Deus» (Atos CG XXIII, n. 12).

O olhar de fé é o que existe de mais belo na experiência existencial e espiritual; é saber reconhecer, saber vislumbrar a presença de Deus também lá onde existe o abandono, a indiferença, a exclusão. Na bíblia, os olhos expressam toda a interioridade de uma pessoa, e orientam para um caminho de fé e de misericórdia, que é a resposta autêntica à ação do Espírito.

Este olhar permite-nos ver o outro com os mesmos sentimentos de Jesus: sentimentos de misericórdia e de ternura para com cada jovem que está ao nosso lado. «O encontro com Jesus alarga o olhar, transforma o coração e a mentalidade. Somente um verdadeiro encontro com Ele nos transforma, a partir de dentro, e nos ajuda a reler a realidade com olhos novos» (CG XXIII, n. 33).

Na minha realidade, cotidianamente encontro muitos adolescentes e jovens que palmilham as estradas das periferias da cidade e são muitas as fisionomias e as histórias que, por meio de gestos e palavras, tornam visível a “*misericórdia em obras*”».

■ Senhor, quando te vimos com fome?

Sou Karen, tenho 15 anos, não tenho irmãos, vivo somente com minha mãe e minha avó. A minha professora ensinou-me que a família existe, mas eu não sabia, e agora me pergunto: quem é e onde se encontra o meu pai? As outras crianças falam de seus pais, e eu não. Minha mãe se aborrece e às vezes me trata mal. Passo fome; muitas vezes, por ela estar ocupada, vou para a escola sem a merenda... Ninguém

se preocupa comigo... Sou triste e na sala de aula não me sinto à vontade... Quero o meu pai e alguém a quem eu possa dizer: Preciso de você!

“Cada qual deve pedir a Misericórdia de Deus para si mesmo e para todos os homens, porque todos precisam do perdão e da graça (...), todos somos chamados à salvação eterna” (Dom Bosco, Turim 1846)

■ Senhor, quando te vimos com sede?

Sou Susana, frequentei o colégio quando era muito pequena, agora tenho 12 anos e vivo com minha mãe. Quando volto da escola vou para casa; os meus pais são separados e minha mãe trabalha até a tarde. Eu entendo: precisamos sobreviver, o dinheiro não é suficiente... Tenho minhas amigas e o meu namorado, são os únicos que me escutam e me amam. Em muitos momentos, creio em Deus, porém, não consigo sentir onde Ele se encontra...

“A Misericórdia é a mão estendida àquela pessoa que precisa de uma ponte que a coloque em relação. Numa época em que se constroem muros e se vive a cultura do descarte, todos precisamos dela” (Alessio)

■ Senhor, quando te vimos enfermo?

Sou Lorena, tenho 19 anos e deixei o meu País em busca de trabalho, porque a minha família precisa de dinheiro. Desde os meus 13 anos trabalhei como empregada doméstica em algumas famílias; sou sozinha nesta cidade, moro na casa dos meus patrões. Deixei os estudos e agora, graças às Irmãs, posso retomá-los nos finais de semana. Com elas eu me sinto bem, mesmo estando com leucemia, como me foi diagnosticado... Não é fácil, estou longe dos meus, sem dinheiro e precisando de atendimento hospitalar... “Sou convicta de que Deus e Nossa Senhora não me abandonam”.

■ Senhor, quando te vimos migrante?

Tenho 17 anos e cheguei ao Oratório das fma depois da minha deportação... Quando entrei no País, no início não conseguia me inserir na sociedade, pois, quando alguém é um deportado, como eu, ninguém o olha

com bons olhos. Na Guatemala não existe confiança nos jovens, acreditam que são delinquentes... Eu estava desempregado, e nesta situação um amigo convidou-me para frequentar o Oratório a fim de terminar os estudos básicos e arranjar algum pequeno trabalho. Senti-me acolhido e lá permaneci.

Os jovens precisam encontrar nos ambientes cristãos e salesianos, educadores maduros e solidários, pessoas misericordiosas, capazes de nutrir sua fome espiritual, dessedentar seus desejos profundos, vestir sua nudez, orientá-los em suas fragilidades, acolher suas derrapagens, suas solidões, curar suas feridas. Muitas pequenas doenças espirituais precisam ser curadas. São necessários os médicos da misericórdia. A medicina da misericórdia deveria ser a especialidade salesiana.

Habitar a cidade

Cultivar espaços verdes

Anna Rita Cristaino
annarita.cristaino@gmail.com

“Aprendem-se mais coisas nos bosques, do que nos livros. As árvores e as rochas vos ensinarão coisas que vós não poderíeis entender de outro modo. Vereis por vós mesmos que podeis extrair maçãs das pedras e óleo das rochas mais duras” (S. Bernardo, Epist. 101).

Geralmente, quando pensamos na cidade imaginamos ruas, casas, fábricas, ferrovias, centros comerciais. Isto é, imaginamos um ambiente construído. Neste nosso imaginário urbano podem também surgir espaços verdes, mas que têm um papel complementar; são como se não fossem essenciais ao funcionamento da cidade que é, precisamente, garantido pelas infraestruturas e edifícios. Imaginamos então cancelar de nossa cidade todos os espaços verdes, substituindo-os por uma placa de cimento, com alguma coisa construída. Cancelamos da paisagem urbana todo traço de vegetação. Esta imagem de cidade deserta aparece-nos como um lugar inóspito, não visível. Sentimos que privar a nossa cidade da natureza é torná-la irreconhecível e indesejável; imediatamente percebemos

que é essencial o papel que os espaços verdes têm em favor da vitalidade da cidade.

O contato com a natureza, a relação com a criação, torna a pessoa mais humana. Deus nos criou como parte de um grande projeto: seu projeto de amor sobre a humanidade. Parte que se integra, dialoga e interage com o todo, empenhando-se em não alterar o seu equilíbrio.

De fato, quando se ouve falar das crises ambientais, sabemos bem que elas não são apenas um problema de caráter material, mas espiritual. Tornam-se desumanizantes as cidades construídas sem deixar espaço à beleza, onde as paisagens são desfiguradas e não há nenhuma zona verde onde o olhar possa repousar.

**“O livro da natureza é único, tanto no que se refere ao ambiente quanto à ética pessoal, familiar e social”
(Papa Bento)**

■ **Cidade e contemplação.** A busca de Deus acontece prevalentemente por meio da *contemplação*. Contemplar significa observar de modo profundo a beleza do que nos circunda, por exemplo, a natureza, as estrelas – o céu, os animais, a chuva, as árvores – com a sabedoria de reconhecer em tudo a marca de Deus. Observar a natureza permite-nos entrar em estreito contato com a expressão mais profunda da Sua presença: a criação.

Escreve o Papa Francisco na Encíclica *Laudato Si*: «Se nós nos achegarmos à natureza e ao ambiente sem esta abertura ao estupor e à maravilha, se não falarmos mais a linguagem da fraternidade e da beleza em nossa relação com o mundo, as nossas atitudes serão as do dominador, do consumidor ou do mero explorador dos recursos naturais, incapazes de dar um ‘basta’ aos próprios interesses imediatos. E vice-versa: se nós nos sentirmos intimamente unidos a tudo o que existe, a sobriedade e o cuidado brotarão de maneira espontânea» (Nº 11).

Respeitar a natureza significa proteger o homem do perigo de se destruir a si mesmo, do perigo de comprometer aquele equilíbrio essencial que permite ao ser humano perceber-se como criatura que dialoga e ama o seu Criador.

Na sua mensagem para o Dia Mundial da Paz, em 2010, o Papa Bento escrevia que a

degradação da natureza está estreitamente ligada à cultura que modela a convivência humana, por isso quando a ecologia humana é respeitada, a ecologia ambiental também traz benefícios.

“Cultivar os espaços verdes é um pouco como cultivar a beleza da vida que tem seus ritmos, suas leis e seus equilíbrios”

A pessoa humana tem necessidade de poder cultivar um olhar contemplativo, que lhe permita colocar-se à procura da própria unidade e do sentido da existência. Se nos sentirmos apenas construtores, manipuladores, capazes de controlar tudo, se tudo ao nosso redor for apenas um apelo à obra humana, deixaremos de nos sentir criaturas e começaremos a acreditar que somos nós os criadores. E então, que sentido tem a virtude da paciência e da espera de uma flor que nasce, de uma colheita que espera o ritmo das estações, de um dia ensolarado?

■ Cidades habitáveis

Uma cidade será tanto mais habitável quanto mais souber conciliar construção e natureza, quanto mais souber valorizar em si a natureza. Os espaços verdes urbanos cumprem múltiplas funções de caráter ambiental, social, ecológica, cultural e econômica que constituem os componentes fundamentais da sustentabilidade urbana: os espaços verdes tornam possível um estilo saudável de vida, favorecem as relações sociais e a coesão das comunidades; fornecem uma contribuição fundamental à regeneração urbana.

Nas cidades, os problemas ambientais – mutações climáticas, poluição do ar, produção de lixo, falta ou insuficiência dos sistemas de escoamento das águas (esgotos, estações de tratamento), água potável inacessível ou poluída, escassez de verde público – incidem na qualidade de vida das pessoas, afetando a saúde, as condições práticas da vida cotidiana (higiene, rapidez, e comodidade nas viagens), a tranquilidade psicológica.

Esta ligação objetiva entre a qualidade do ambiente e a qualidade da vida na cidade será tanto mais estrita e direta quanto mais se viver em um ambiente sadio, limpo,

esteticamente agradável. Ela faz parte dos critérios, em base aos quais, os seres humanos medem a noção do seu bem-estar.

«Deus está presente em todos os lugares da terra, especialmente com sua graça, nos corações mansos e humildes. Porque é o Altíssimo, é também infinitamente Humilde. Porque é o transcendente, Ele é também o Onipotente. Os humildes e os dóceis sabem que Ele faz com *que tudo concorra para o seu bem*, que as pedrinhas no sapato, o lamaçal, as pedras e o pântano são, por assim dizer, a antecâmara de sua santa morada. Por isso abandonam-se à sua Vontade. E, onde esta Vontade se cumpre, vivemos na terra como se estivéssemos no céu» (Fabrice Hadjadj).

COMUNICAR *E-comunicar*

Para além do limite: a Rede “Invisível”

■ **Maria Antonia Chinello**
machinello@pfse-auxiliuam.org

A vida social dos jovens e adolescentes “posta-se” na Rede, transformando assim, as condições da vivência: encontrar-se, aprender, expressar-se. Em Rede nós trabalhamos, nos relacionamos, estudamos, nos divertimos, nos informamos. Para a maior parte da população mundial, quase todas as atividades diárias passam por esta forma de comunicação imediata.

Em pouco mais de duas décadas a Web vitalizou um fenómeno que na área anglo saxônica é definido *disruption* (ruptura, decadência, fragmentação). Ao lado dos sites (Web 1,0) e das redes sociais (Web 2.0) alcançáveis diretamente ou por meio dos motores de busca, desenvolveu-se uma Internet escondida, cinquenta vezes maior do que a Rede que se conhece, dentro da qual existe realmente de tudo. Aqui o rigoroso anonimato dos usuários facilita comportamentos muito duvidosos no plano

ético, quando não explicitamente violentos e, em alguns casos, criminais.

■ O que é?

O *deep web* é a parte escondida da Internet. O modo melhor para entender, é pensar em um iceberg: o que vemos é apenas a parte emersa, gelo que se ergue sobre a superfície do oceano, todo o restante – que está por baixo – podemos só imaginar. Para a Web vale a mesma coisa: o que se vê na superfície, a Web visível, é aquilo que os motores de busca tradicionais – como o Google – são capazes de indexar: uma quantidade impressionante de páginas, entre 60 e 120 bilhões, mas aquilo que está por baixo, como para o iceberg, é ainda mais impressionante.

É uma verdadeira rede invisível, uma parte do *World Wide Web*, que não é indexada pelos motores de busca: um recipiente enorme de informações composto por mais de 200 mil sites (cerca de 400 bilhões de documentos totais), acessíveis e utilizáveis somente por quem conhece sua posição e somente graças a particulares instrumentos de navegação.

Esta rede escondida expandiu-se depois de 2012, quando *Megaupload*, uma comunidade virtual frequentada por milhões de usuários que descarregavam dados e informações tutelados pela *copyright*, foi fechada pelas autoridades dos Estados Unidos.

Desde então tem sido formado este bazar do ilegal, uma zona franca no interno da qual qualquer pessoa pode contrabandear e adquirir de tudo, desde armas, até drogas, com documentos falsos; não vigoram regras e as leis não são aplicadas.

Quando navegamos, mesmo se não estamos sempre conscientes disso, deixamos traços incanceláveis. Na *deep web* (*web profunda*), em vez, o sistema é subvertido: os que acessam não são rastreáveis e portanto não identificáveis com todas as consequências que daí resultam, no que diz respeito à não aplicação de qualquer legislação nacional.

■ Como se entra?

Para entrar na web submersa não se podem utilizar os motores comuns de busca, mas existem listas de link alcançáveis por meio de alguns sites, nos quais está presente um grande número de conexões, que são

muito lentas exatamente porque devem garantir o anonimato.

Uma vez dentro, encontramos-nos diante de uma web diferente, graficamente magra, privada de desenhos e de publicidades. A sensação é a de encontrar-se num inacreditável mercado, onde comerciantes provenientes de toda parte do mundo, sem escrúpulos e prontos a negociar, movimentam-se, sem serem molestados, oferecendo de tudo: desde as páginas dinâmicas ao acesso reservado – e-mail, home banking - até os bancos de dados de estudos científicos, acadêmicos e documentos governamentais, os sites dedicados ao comércio de armas, drogas e seres humanos, tráfico ilícito de dinheiro, venda de documentos falsos, forum pedopornográficos, roubo de informações...

A moeda utilizada é o *bitcoin*, uma moeda virtual, estruturada num sistema de criptografia que torna anônimas as transações. Foi inventada por um programador japonês, que usava o pseudônimo Satoshi Nakamoto, e do qual perderam-se os vertígios

Contudo, fica sublinhado que uma parte desta web submersa é um espaço online dentro do qual os ativistas podem comunicar-se sem serem interceptados, é um centro de encontro virtual de militantes políticos e religiosos, mas também são conexões utilizadas pelos governos para monitorar as redes terroristas e as áreas do mundo em crise.

■ Ética, Direito, Educação

Entrar na *deep web* é muito fácil, não são exigidas competências informáticas nem pelos *hacker* nem por usuários especialistas. É precisamente esta simplicidade de acesso a um mundo tão fascinante, mas ao mesmo tempo tão perigoso, um dos motivos pelo qual muitos jovens e adolescentes escolhem navegar na *deep web* e não na web clássica.

Para muitos, é aqui que é possível satisfazer a sede de experiências e o desejo de experimentar até o limite do que é “permitido”... Mas, como muitas vezes acontece, a uma inata predisposição e a uma desenvolvida destreza na utilização de dispositivos multimídiais e da web em geral, não corresponde um necessário conhecimento e domínio das regras (técnicas e principalmente jurídicas) subjacentes à

utilização da Internet (e também da web submersa).

Do ponto de vista jurídico, utilizar instrumentos anônimos não é crime, assim como não representa de per si uma violação entrar no *deep web*. Mas, porque os dados cifrados das conexões são transferidos de PC a PC de modo casual, ocorre ter presente que pode acontecer que material ilegal se encontre transitando num computador sem o conhecimento do dono e, àquela altura, o crime poderia já ser configurado.

Sob o aspecto técnico, o acesso é fortemente desaconselhado principalmente pelos perigos de contágio por *malware* e de exposição a ataques informáticos que são colocados nos computadores no momento em que têm acesso à rede invisível.

Ao adquirir produtos legais dos vendedores da *deep web*, se acontecer do sujeito ser enganado ou de receber produtos não conformes ao desejado, será praticamente inútil levar em frente a controvérsia diante dos Escritórios competentes, porquanto o revendedor não será de nenhum modo individualizável.

COMUNICARE *Cinema*

Avida é fácil com os olhos fechados

di David Trueba Espanha - 2014

■ **Mariolina Parentaler**
m.parentaler@fmaitalia.it

“Uma bela surpresa: ternura, humorismo, comédia solar de grande sucesso”, é o filme de David Trueba, diretor e escritor Madrilenho. Venceu seis Goya pelo melhor filme, a direção, o ator protagonista, a atriz revelação, o roteiro original e a trilha sonora. «Conto esta história verdadeira, do passado, porque fala ao hoje – afirma o diretor – àqueles jovens que, em tempo de crise, estão desiludidos. É necessário que reajam, que mostrem sua coragem».

■ Uma viagem á escola da vida.

Ao som de música.

O filme é inspirado num episódio real que o autor havia lido no jornal: a história de Juan Carrión professor de inglês numa escola

dirigida por religiosos, e admirador declarado da música anticonformista dos Beatles; em 1966, foi encontrar-se com John Lennon, no sul da Espanha, empenhado no set do filme de Richard Lester “Como venci a guerra”. Para favorecer a aprendizagem da língua e envolver os alunos na tradução, utilizava as canções de Fab Four. Quando ficou sabendo que John Lennon não estava na América sentiu um só desejo: encontrar o célebre cantor e pedir sua ajuda para completar as transcrições, cheias de lacunas, dos textos que havia feito no seu caderno, escutando canções na rádio.

A civilização ocidental fundamenta a quase totalidade de sua cultura na viagem: um itinerário de “trânsito e chegada” que vai do físico ao filosófico e se faz metáfora de vida. Assim no cinema: o *road movie* está na base de muitas narrações e “A vida é fácil com os olhos fechados” é realmente um exemplo tocante, é exemplar. É o relato deste percurso, tanto interior quanto físico. Desenrola-se entre os caminhos de uma pesquisa de mil faces, e tem como horizonte um regime franquista sussurrado, mas também, de algum modo combatido e vencido pelos três protagonistas, dentro desta paisagem de deserto, de vida pobre, e carregada de sentimentos.

Ao longo da estrada sobre o seu Foat 850 verde, o professor encontra e oferece carona a dois jovens. Primeiro cruza com Belen, uma jovem grávida, seduzida e abandonada, fugindo do instituto em que estava presa. Depois avista e acolhe Juanjo, um adolescente de dezesseis anos que havia escapado de casa onde deixou os pais e cinco irmãos, porque não suportava mais a rigidez educativa do pai: um policial que já havia participado do serviço de comando, durante o concerto madrilenho dos Beatles, em julho de 1966, e que lhe havia brutalmente ordenado de cortar os próprios cabelos. Será junto deles que o professor Antônio procurará alcançar Lennon e o seu objetivo.

Por meio de uma extraordinária interpretação do ator Javier Cámara, o professor representa a modernidade que não só entra na sala de aula, mas também na vida de cada jovem que encontra. Com uma elegante delicadeza e leveza. Trueba retrata uma espécie de professor amigo, iluminado e familiar, com um pouco de barba e estranhas manias, mas tratado com aquela correta profundidade que o investe de um significado

mais alto. É assim que “os destinos em fuga” de Juanjo e Belén se entrelaçam, naquela viagem da esperança, com aquele Antônio, que, seguindo fielmente o exemplo do Help! dos Beatles, acolhe e escuta o pedido de ajuda lançado silenciosamente pelos dois jovens.

A história de um ‘herói’ anônimo que na sua pequenez ajuda-se e ajuda os outros, servindo-se da música. O diretor joga efetivamente com o valor pedagógico e formativo desta arte e, no desenvolvimento de toda a obra, convida a descobrir como a música se torna instrumento eficaz de reflexão, conhecimento, crescimento pessoal. Não só: como, sobretudo, a atitude da escuta se transfere da música para a vida e se torna sua regra fundamental.

À poesia do conjunto acrescentam-se também as esplêndidas melodias da coluna sonora premiada, que refletem toda luz e calor das paisagens adaluzas. Criam uma atmosfera leve e incerta que, enquanto deixa entrever o peso da história, alude o sonho de poder mudá-la e também a ilumina.

PARA REFLETIR – A ideia do filme
Uma comédia ‘agradável’ com o trecho do road movie.

O filme todo é uma viagem, uma história de amizade e de crescimento, sob a guia desse professor que usa as canções dos Beatles como programa de estudo. O verso que abre ‘Strawberry Fields Forever¹ (‘Life is easy with eyes closed’) representa perfeitamente a condição existencial a que a ditadura havia obrigado os espanhóis. Era muito melhor não ver (ou, pior ainda, fingir que não vê) os bofetões dados nos alunos na escola, ou as acusações da polícia à mínima tentativa de manifestação popular. O filme começa mostrando-nos dois exemplos desta prática: na escola de Albacete, onde o professor vê o diretor insultar e bater num aluno, talvez culpado de alguma coisa, e na casa do policial pai que não aceita a cabeleira do filho e lhe dá um bofetão, quando o rapaz procura defender o seu direito de manter os cabelos longos.

“Uma ventania de ar fresco e uma pequena esperança para aquela juventude esmagada pela obtusa rigidez da ditadura”

Este filme é uma homenagem aos nossos pais, mas pode e deve ser também um aviso às novas gerações. Faz pensar que a nossa

atualidade não é a época mais dura da história. “Vós sois a esperança da transformação”, declara Antônio aos seus dois jovens.

O sonho do filme

Mostrar-nos como se devem ver as coisas, com olhos abertos, procurando não ter mais medo, partido das insatisfações diferentes e privadas, de Antônio.

De Belén e Juanjo sairá, no final, uma visão de mundo ‘com olhos abertos’, uma consciência de si e dos outros que os levará a não aceitar mais abusos. “A liberdade é participação” e é isto, no fundo, o precioso ensinamento que o professor Antônio parece querer deixar aos seus jovens companheiros de viagem. Um convite gentil e decidido para participar da vida, para abrir os olhos e encarar a nossa condição e acertar as contas: cada qual com sua própria dignidade.

A viagem destas três pessoas, tão diferentes, transforma – se na reação a uma vida comum, onde as batalhas pessoais dos três são simplesmente o sopro leve de um vento novo, aquele mesmo vento que, dali a poucos anos, abateria o muro da ditadura.

Neste contexto insere-se a figura mítica de John Lennon: um símbolo de liberdade e, ao mesmo tempo, um personagem do passado difícil, e do presente cheio de dúvidas. E a Seat verde de Antônio e o humilde meio desta maturação on the Road, que coincide talvez com a de um País, do qual é traçada uma espécie de mapa geográfico, humano e cultural desde Madri até o deserto de Almeria, lugar cinematográfico por excelência.

COMUNICAR *Literatura*

Quando vocês se sentem felizes, percebam isso

de Kurt Vonnegut

Emilia di Massimo
emiliadi Massimo@libero.it

Entre aforismos, lembranças, anedotas e reflexões sobre o mundo contemporâneo, os discursos de Kurt Vonnegut brilham com o mesmo espírito vivaz e anticonformista que anima a sua narrativa; nunca consolatório, embora capaz de cantar hinos à liberdade e à criatividade do ser humano, de divertir com o seu humor e de ler o mundo de maneira crítica e potencialmente revolucionária

Kurt Vonnegut (1922-2007) é um simpático volume que reúne os principais discursos que o autor fez em várias universidades americanas entre 1978 e 2004. É como uma pequena suma do pensamento de um escritor do século vinte considerado genial

pela crítica e indicado entre os pensadores livres e capaz de falar com todos.

Nas universidades americanas o *Commencement speech* é um discurso oficial no final do ano acadêmico aos formandos, por uma personalidade importante do mundo da cultura ou da política.

Como os diversos gostos de um sorvete são as argumentações que Vonnegut dirige aos jovens; ele trata diversas temáticas com extraordinária simplicidade: a importância da família e da participação ativa na vida de uma comunidade; o papel fundamental que têm os professores, o amor pela leitura e a capacidade de apreciar a beleza das pequenas e grandes coisas da vida.

Os temas são desenvolvidos mediante aforismos, lembranças, anedotas, reflexões, e tudo parece brilhar com um espírito vivaz e anticonformista. Cada discurso pode ser definido como uma verdadeira declaração de amor pela beleza da vida cotidiana que é feita de pequenas coisas, como: perceber o perfume do pão ou beber um cálice de limonada à sombra de uma árvore.

“Quando as coisas vão bem e tudo transcorre normalmente, para um instante, por favor, e dizai a você em alta voz: O que existe de mais belo do que isto?”

■ Um humaníssimo ser humano

O fio roxo dos argumentos tratados parece fechar-se numa definição, repetida várias vezes pelo autor, sobre Jesus: «um grandíssimo e humaníssimo ser humano, o qual teve a única ideia boa que tem ocorrido até agora: ser misericordiosos». A peculiaridade está, sobretudo, no estilo: Kurt Vonnegut, como autêntico orador, enfrenta os diversos temas com ausência de moralismo, usando uma fina ironia que inevitavelmente conduz a pensar. Além disso, o estilo poderia ser definido como curioso, considerando que o autor nunca se formou: viu sua tese recusada e decidiu aceitar um trabalho nas relações públicas. O título é eloquente e sintetiza bem a atitude com a qual Kurt se põe diante da vida, convidando os jovens a fazerem igual: cada dia é constituído de pequenos momentos perfeitos, átimos felizes, mas pode-se viver assim quando se é capaz de reconhecê-los e apreciá-los. A existência de Vonnegut foi densa de experiências, ele amadureceu com originalidade, pensamentos e opiniões que desejou compartilhar por meio de seus livros

particularmente com os jovens universitários. Ele lhes declara a coisa mais preciosa que se pode tirar do próprio percurso de estudos: “a lembrança de uma pessoa capaz de ensinar, cujas aulas têm feito a vida, e vós mesmos, muito mais interessantes e ricos de possibilidades do que antes consideráveis possível”.

“Vós percebeis quando sois felizes, e sabeis reconhecer quando tendes o suficiente”.

■ Um vademecum para todas as idades

A leveza, a irreverência e o senso do ritmo (na literatura e no estar no mundo) que todos aprendemos a apreciar em Vonnegut tornam a ressoar nesta coleção de conselhos não exigidos, que o autor transmite em lugares e ocasiões várias a ouvintes sempre diferentes. A capacidade de entrar logo em contato com o seu público, com imediatez e frescor, com o seu característico dom literário, faz deste libreto um perfeito vademecum para todas as idades da vida. Vonnegut está entre os poucos contemporâneos que têm o dom de fazer o leitor sentir-se melhor, após concluir a leitura. Há alguns anos da morte de Vonnegut, suas palavras são ainda atuais, continuam a ter uma mensagem a ser comunicada com uma voz moderníssima, ensinando a saber ler o mundo com raro e inteligente senso crítico. Então, um livro a ser saboreado. E para terminar, a pergunta que dá o título original ao texto: O que existe de mais belo do que isto?

Kurt Vonnegut (Indianápolis, 1922 – Nova

York, 2007) nasce numa família atingida pela grande Depressão de 1929. Em 1940 inscreveu-se na universidade, em Bioquímica, depois andou sob as armas e como prisioneiro dos alemães assistiu ao bombardeio de Dresda. Voltando para a América, estudou antropologia e fez vários trabalhos entre os quais *O cronista*, no Estado de Nova York. Começou sua carreira como escritor em 1950 e publica o seu primeiro romance, *Piano mecânico*, em 1952. Membro da American Academy and Institute of Arts and Letters, é considerado um dos maiores escritores de ficção científica e um dos maiores autores Americanos.

A música torna-se oração

■ **Mariano Diotto**
m.diotto@iusve.it

O filósofo e escritor russo Fëdor Dostoevskij dizia: «Não existe alegria maior para uma mãe do que ver pela primeira vez um sorriso nos lábios de seu filho. A mesma alegria experimenta Deus cada vez que vê, do céu, um pecador que se ajoelha diante d'Ele e lhe dirige uma oração com todo o coração», e esta é maior se for cantada. O livro dos Salmos relata que o rei Davi cantava as lodes a Deus usando palavras da vida cotidiana, trazendo a experiência vivida ao louvor de Deus, pedindo a fé, a serenidade e a felicidade.

■ A oração por meio da música nos videojogos

O canto e a música caracterizam, desde o início, a linguagem da Igreja, como já lembrava São Paulo: «Entretendo-vos uns aos outros com salmos, hinos, cânticos espirituais, cantando e louvando o Senhor de todo coração» (Ef 5, 19). Ocorre porém que o canto seja efetivamente uma oração; cantar é rezar duas vezes, como nos diz Santo Agostinho.

É a experiência da vida que se torna oração. Mas hoje, qual pode ser esta experiência? Um exemplo: o mundo dos videojogos. No final de 2005 foi lançado em todo o mundo o jogo *Civilization IV* no qual os jogadores deviam construir um império próprio. Para este jogo foi composta propositalmente por **Christopher Tin** uma canção intitulada *Baba Yetu* cantada por **Ron Ragin** e o **Soweto Gospel Choir**. A canção tem como texto o Pai-nosso cantado em língua Awahili. Um texto religioso nunca fora inserido num videojogo, mas a coisa ainda mais inacreditável é que em 2011 venceu o prêmio musical mais ambicionado na América: o *Grammy Award*, sendo a primeira canção realizada para um *videogame*. Portanto, um videojogo pode ser utilizado para evangelizar e pode ser uma pequena semente que talvez trará fruto.

A vida pode tornar-se a oração de uma adolescente que, para crescer diante das dificuldades, se refugia nos seus sonhos imaginando-se no Paraíso. *Paradise* é, realmente, o título da canção dos **Coldplay**. Fala de uma jovem que tinha grandes expectativas, que imaginava o mundo como um lugar solidário e justo, em que todas as meninas teriam encontrado o seu príncipe encantado e teriam vivido para sempre felizes e contentes. Mas a vida não é sempre fácil e é naqueles momentos que as decepções e as incertezas se transformam em pedidos dirigidos ao céu e se enfrentam as dificuldades e as complicações, com a força do otimismo. Do abatimento à esperança, passando por uma oração laica.

■ Uma oração de salvação pelo grupo *heavy metal*

A oração pode provir também de um grupo musical do qual não se esperaria tudo isso. De fato o grupo americano *heavy metal* chamado **Disturbed** publica em 8 de dezembro de 2015 no Youtube o vídeo de uma canção sua, *remake* de um famosíssimo sucesso de Simon & Garfunkel, *The sound of silence*. A canção alcançou em poucos meses mais de 55 milhões de visualizações em rede. O texto da canção relata a dificuldade dos homens de se comunicar entre si e de se entender, tanto é verdade que o silêncio se torna o único som possível. O vídeo introduz um novo elemento, porque descreve um mundo desesperado constituído de adultos infelizes, de crianças desamparadas e abandonadas, onde a música não é mais viva, onde as partituras estão mortas. As figuras evocam as atuais imagens dos refugiados que tentam a fortuna nos Países mais desenvolvidos. Mas o relato é significativo aqui porque surge um navio, com um moderno Noé, que vai salvar os que estão abandonados e desamparados. O vídeo termina com uma luz que aparece e une estes dois mundos: o mundo positivo da música e o mundo em que os homens perderam a noção deste valor. Também, em outra canção intitulada *The light*, cantam: «Sentiste um chamado enquanto andavas, uma calma voz de dentro do silêncio, para o que parecia uma eternidade. Quando pensas que tudo te abandonou, não debes nunca sentir-te traído de novo. Às vezes a obscuridade pode mostrar-te a luz»

O segredo do canto está entre a vibração da voz de quem canta e a batida do coração de quem escuta
(Khalil Gibran).

■ As palavras dos santos se tornam canções

Loreena McKennit, cantora polí-instrumentista canadense, publicou, há 20 anos atrás, a canção *The dark night soul* (*A noite obscura da alma*), tradução para o inglês da mais famosa poesia, em língua espanhola, de São João da Cruz, que narra a viagem da alma do próprio corpo para a união com Deus. Esta viagem acontece durante a “noite”, que significa a adversidade e os obstáculos que encontra a alma ao destacar-se do mundo terreno para alcançar a luz dada pela união com o Criador.

Na canção são relatados os diversos graus dessa noite, que são as diversas fases de nossa vida e as adversidades que devemos superar para alcançar Deus. A voz melodiosa da cantora acompanha as esplêndidas palavras dessa poesia tornando-a uma verdadeira oração a Deus.

A compositora canadense **Sarah McLachlan**, famosa pela canção *Angel*, gravou a *Oração de São Francisco* (Prayer of Saint Francis) conhecida também como a *Oração simples*, onde traz para a atualidade os sentimentos de paz e de igualdade que o mundo deveria gritar.

Onde as palavras não chegam... a música fala (Bethoven).

A música e as palavras podem tornar-se oração, também hoje, como fizeram o Rei Davi e os salmistas, muitos séculos atrás. Agora, mais do que ontem, podemos encontrar palavras inspiradas também em lugares não estritamente religiosos. Poderíamos compará-los precisamente com aqueles que o Padre da Igreja Justino chama *Sementes do Verbo*, isto é aquelas palavras inspiradas que levam a Deus mesmo se provêm de um mundo não crente. O importante é que a oração se traduza na harmonia de viver na caridade, levando «os pesos uns dos outros» como diz São Paulo na sua Carta aos Gálatas.

Fotografar para expressar a Beleza

■ **Caterina Cangià**
sisternet@thesisternet.it

Fazer belas fotografias com a clara finalidade de emocionar para mover a vontade a agir positivamente, requer competência. Escolher belas fotografias a serem utilizadas na própria ação pastoral e didática, também requer empenho. O romancista russo Fëdor Dostoevskyj escreveu que “a beleza salvará o mundo” e de São Francisco de Assis, dizia-se que “no belo das criaturas, via o Belíssimo”. Pensando em tudo isso, que é possível dizer por meio do cuidado com o aspecto estético das nossas fotografias, vamos levar em consideração algumas sugestões que nos poderiam ajudar.

■ Quatro elementos numa bela fotografia

Uma bela foto faz nascer casualmente um encontro altamente emotivo. É composta por uma pluralidade de sinais que, utilizados com atenção, veiculam muitos significados. Na aparente imobilidade de uma só imagem existe vida e movimento. Assim o raio de sol numa janela, a chuva na lagoa, a penumbra em um quarto. Como texto visual a fotografia se compõe de sinais figurativos que utilizam códigos de representação típicos das várias culturas de que é rico o mundo.

Se o conteúdo de uma fotografia é variado como o tempo, como a paisagem no suceder-se das estações, como os objetos e as pessoas nas diversas ações que realizam, o seu efeito emotivo é devido à “maneira” com que são fotografados.

A iluminação

Uma bela fotografia precisa de uma correta iluminação já no momento em que é disparada. Quando a fonte luminosa está em nossas costas, a fotografia é plana e os elementos próximos e os distantes aparecem no mesmo plano. A luz lateral traduz o “sujeito” de forma muito eficaz, sobretudo se nos deixarmos ajudar pela posição baixa do sol que revela os contornos da paisagem e

as ondulações do terreno. A luz oblíqua contrasta as fotografias à distância.

A contra-luz sublinha a profundidade das imagens isolando cada objeto: a água é feita brilhante pela luz de fundo, as montanhas no horizonte se articulam como cenas de um imenso palco, os rios são fitas de prata. A luz difusa carece de efeito plástico, mas a sua qualidade de iluminação mórbida é eficaz para os sujeitos próximos. A luz da aurora e do pôr do sol, com os seus tons quentes, cria sombras longas e articuladas. A luz do meio dia dá sombras breves e duras e é para ser utilizada excepcionalmente. Com a luz são notados os tipos de sombras que fontes luminosas de diferente grandeza e posição, produzem. Por meio de uma escolha acurada de iluminação é possível criar sombras que se adaptem à atmosfera, ao estado de ânimo, ao tema e à estrutura da imagem.

A enquadatura

A enquadatura é um átimo irrepetível de realidade capturado pela máquina fotográfica. É o limite dentro do qual está fechado tudo quanto queremos comunicar. A escolha dos campos (longuíssimo, longo, médio e total) e dos planos (figura inteira, plano americano, plano médio, primeiro plano, primeiríssimo plano, detalhe ou particular) tem seu preciso significado. O plano americano e o plano médio se focalizam na gestualidade e na mímica dos personagens, enquanto os outros planos têm força poética. A maior ou menor distância do sujeito, ou entre a objetiva e o seu foco, tem uma maior ou menor força sugestiva. No interno da enquadatura é considerada a angulação, que é o ponto de vista de quem dispara a fotografia. Os efeitos de perspectiva têm um significado diverso dependentemente de razões psicológicas, lógicas e descritivas.

A composição

A essência da composição é entender a função dos pontos, das linhas e das formas e organizar estes elementos de maneira tal que cada foto seja esteticamente bonita. A primeira pergunta que se faz é: formato horizontal ou formato vertical? Se são as linhas verticais que determinam a enquadatura, então deveria ser escolhido o formato vertical; se em vez o panorama tem um andamento horizontal, também o formato será horizontal porque o caráter do “sujeito” se acentua com a escolha do formato. Não

há regras de composição imutáveis, mas se fotografamos pessoas, ocorre que a foto seja disparada o mais perto possível. Aproximamo-nos, sim, mas sem “cortar” a cabeça ou os pés de ninguém. Se quisermos mostrar belezas arquitetônicas devemos colocar em relevo um detalhe, uma escultura, um baixo-relevo.

Para as fotos de paisagem, se o interesse estiver sobre os campos longuíssimos ou longos, são postos em relevo também um ou dois elementos em primeiro plano. O aproximar-se do sujeito torna rápida a perspectiva, o afastar-se dele, o esconde. Não deixemos que a linha do horizonte corte exatamente na metade a imagem: resultaria daí uma composição banal. Decidimos, em vez, acentuar a terra ou o céu. Se temos sempre a tentação de enquadrar o sujeito principal no centro da fotografia, lembremos que a simetria é vital.

A cor

As cores quentes, como o vermelho e o amarelo, estão mais “próximas” do usuário das cores frias, como o verde e o azul. Os termos “quente” e “frio” são atributos puramente psicológicos. As cores delicadas, como as tintas de pastel, são geralmente consideradas relaxantes e alegres, enquanto as cores cheias são muitas vezes usadas para veicular emoções escuras como a paixão, a raiva ou a depressão.

Tratar as fotografias

As possibilidades que oferece um programa de retoque de fotos permitem transformar um disparo que não é perfeito do ponto de vista compositivo. Com os programas de retoque de fotos é possível obter, de uma fotografia bela e em alta definição, diversas outras fotos, modificando a enquadatura com oportunos cortes. O programa profissional mais utilizado para o retoque é o Adobe Photoshop. É possível “corrigir” a imagem utilizando instrumentos de regulação: tonalidade, saturação, luminosidade, contraste, vividez, exposição, balanceamento e correção da cor. Além disso, às imagens é possível aplicar filtros que a tornarão uma pintura a óleo. É possível desfocar a foto e torná-la mais nítida; deformá-la ou reduzir seus defeitos. Podemos inserir sobre as imagens textos e formas e aplicar efeitos como brilhos, sombreamentos, contornos e tons.

Adquirir fotografias

Para procurar um bom sortimento de imagens digitais, adquirimos de sites internacionais que as propõem livres da royalty ou direitos:
www.istockphoto.com;
www.pod5.com; www.shutterstock.com;
www.itdepositphotos.com; www.dreamstime.com;
www.stock.adobe.com

Suportar com amorosa paciência, as pessoas molestas...

Ó sim, caras amigas, devemos ter finalmente a coragem de admitir que nossa irmã, que está mais significativamente empenhada no exercício das obras de misericórdia, é exatamente ela: a sacristã.

Antes que comeceis a lamentar que também vós – a cuja obediência jamais foi pedido este serviço tão delicado – vos dedicais à prática do amor fraterno, forneço logo os instrumentos para entenderdes que as minhas afirmações não são impensadas, mas fruto de uma profunda e acurada reflexão sobre os deveres que são atribuídos a esta irmã; deveres que a colocam na luta contra os limites do comum dos mortais.

Sim, porque, vede, a sacristã encontra-se numa posição um tanto desconfortável, entre a perfeição que se respira nos ambientes que frequenta para o seu delicado serviço, e a fragilidade de quem frequenta aqueles mesmos ambientes para submeter ao Altíssimo, as preocupações de cada dia.

Onde existe uma sacristã que faz bem o seu trabalho, a igreja, ou capela que seja, torna-se um solo sagrado a ser defendido da distração de quem a frequenta; o presbitério, geralmente polido, deve ser preservado de passos que poderiam profanar o seu esplendor; cada móvel, por pouco combinado, ou decididamente antiquado que seja, já que “mora no esconderijo do Altíssimo”, não pode ser contaminado pelo toque de quem acabou de passar pelo pátio;

até mesmo as cadeiras, em que as Irmãs se sentam, não podem ser transformadas em prateleiras de livros, agendas, jornais e folhas várias destinadas à oração.

É por este motivo que, mais do que qualquer outra pessoa, a sacristã tem o dever de suportar com paciência todas as pessoas, também porque, aquelas que têm pouca consciência do lugar em que estão e daquilo que estão fazendo, são realmente preocupantes!

E paciência se às vezes se esquece de pôr a hóstia na patena, ou não se suporta ver as flores despetaladas, ou se obrigam a manter as janelas fechadas para não entrar poeira! Ela, a sacristã, é uma mulher sempre em primeira linha, que muitas vezes acolhe a vossa presença, porque sabe bem que sem o Dono da Casa não sabeis como fazer! Será também verdadeiro que, de vez em quando, ela se distrai e às vezes se irrita, mas continua sendo a guardiã do Corpo de Jesus! Bem, amigas, e quando eu a vejo ajoelhada para adorar o Senhor do qual cuida, não sei diante de vós, mas diante de mim se escancara um pedaço de Paraíso!

Palavras de C.

PRESTO ON LINE



A revista **da mihi animas** será em breve on line na sua versão digital.

Leitura, aprofundamento, filmes, entrevistas e a possibilidade de contribuir e enriquecer o diálogo com novas reflexões.

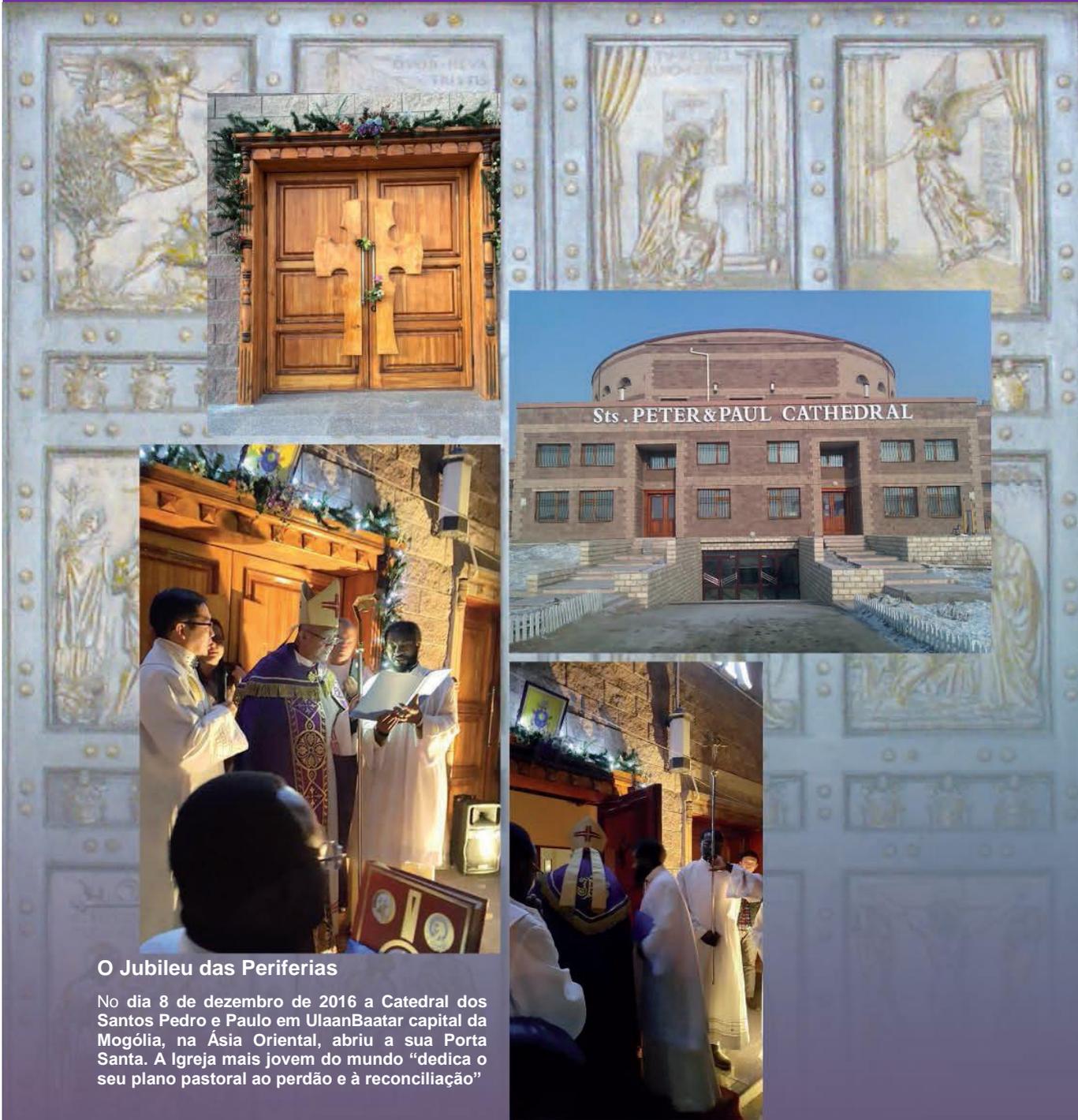
Em breve on line te esperamos!



O código QR (Quick Response), aqui ao lado, te permitirá fornecer ao teu dispositivo móvel (smartphone ou tablet), diversas informações simplesmente enquadrando-o com a fotocâmara do teu dispositivo. Scarica l'App gratuita, inquadra e potrai condividere con noi molti contenuti extra.

www.rivistadma.org





O Jubileu das Periferias

No dia 8 de dezembro de 2016 a Catedral dos Santos Pedro e Paulo em UlaanBaatar capital da Mogólia, na Ásia Oriental, abriu a sua Porta Santa. A Igreja mais jovem do mundo “dedica o seu plano pastoral ao perdão e à reconciliação”

«Uma cerimônia muito bonita, com grande participação do povo de Deus. Penso que é um belo sinal no Ano Santo da Misericórdia, que seja aprovada a lei que abole a pena de morte no País»

(Vigário do Prefeito apostólico, Pe. Ernesto Viscardi)

Tradução para a Língua Portuguesa:

Ir. Maria Aparecida Nunes fma

imanunes@fmabsp.org.br

Inspetoria S. Catarina de Sena

São Paulo - Brasil